



Instituto superior de Educação.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA.

EUCLIDES CESALTINO SEMEDO BRITO.

TEMA:

A MORNA, EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA SENSIBILIDADE DA ALMA DO POVO CABO-VERDIANO NO «CONTEXTO ESTÉTICO-FILOSÓFICO».

LICENCIATURA EM FILOSOFIA.

ISE, 2006.

EUCLIDES CESALTINO SEMEDO BRITO.

TEMA:

**A MORNA, EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA SENSIBILIDADE DA ALMA DO POVO
CABO-VERDIANO NO «CONTEXTO ESTÉTICO-FILOSÓFICO».**

Trabalho científico apresentado ao Instituto Superior de Educação para obtenção do grau de licenciatura em Ensino de Filosofia, sob orientação do **Dr. António Gonçalves.**

ISE, 2006.

EUCLIDES CESALTINO SEMEDO BRITO.

Trabalho científico apresentado ao ISE aprovado pelos membros do júri e homologado pelo conselho científico, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciatura em Ensino de Filosofia.

O júri;

Praia, aos _____ de _____ de 2006.

DEDICATÓRIA.

Dedico este trabalho, especialmente para os meus pais, **Domingos Semedo e Cesaltina Gomes Vaz de Brito**, pela educação que me tem dado.

Dedico também à **Deus** que me deu muito ânimo na realização deste trabalho e principalmente para a minha querida esposa e filho – **Adelice Manuela Moreno Freire e Alecsander Euclides Freire Brito**. Por tudo aquilo que têm feito por mim e por serem pessoas muito sensíveis.

AGRADECIMENTOS

Na realização de qualquer trabalho de pesquisa não será possível sem a colaboração pronta e intervenção de várias pessoas ou entidades. Nessa óptica, queria aproveitar para deixar os meus sinceros agradecimentos às seguintes entidades:

-Em primeiro lugar, queria deixar uma palavra de apreço ao meu Pai **Domingos Semedo**, pelo apoio incondicional a que me tem prestado, pelo seu espírito de comunhão, humildade demonstrado durante esses anos.

-Em segundo lugar, queria também de igual modo agradecer ao meu orientador **Dr. António Gonçalves** e ao meu amigo, o **Mestre Arlindo Vieira** pelas suas sábias orientações, pelas clarividências no modo como tratam as questões, pelo rigor da informação, pela sugestão de leituras a muitas obras afectos ao mundo actual.

-Em terceiro lugar, gostaria de deixar expresso os meus agradecimentos ao **ISE**, particularmente ao departamento de história e filosofia na pessoa do seu chefe, o **Mestre Lourenço Gomes** e a todos os professores que tive durante estes cinco anos pela forma brilhante com que souberam transmitir os conhecimentos.

INDICE

Resumo	4
I. Contextualização.....	5
II. Perguntas Orientadoras de Pesquisa	5
III. Objectivos	6
IV. Objectivo geral:	6
V. Objectivo específico.....	8
VI. Metodologia	7
1. Introdução.....	9
2. Breve Enquadramento Conceptual	10
CAPITULO – I.....	12
O CARÁCTER ESTÉTICO – FILOSÓFICO DA MÚSICA.	12
1.1. Abordagem Geral Da Estética.....	13
1.2. A Filosofia da Música.....	17
1.3. A Concepção Musical do Conteúdo.	22
CAPÍTULO – II.....	27
A MORNA, EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA SENSIBILIDADE DA ALMA DO POVO CABO-VERDIANO	27
2.1. A Filosofia da Morna.	29
2.2. A Morna Canção Popular Cabo-Verdiana.....	33
2.3. A Morna e Vida Colectiva.	36
2.4. A Morna, Expoente Máxima da Alma Cabo-Verdiana.....	38
2.5. A Nostalgia e a Saudade - Elemento Primordial da Morna.....	40
CAPÍTULO -III.....	44
MORNA E COMUNICABILIDADE ESTÉTICA.	43
1.2. A Comunicabilidade Estética.....	44
3.2. Poesia na Canção da Morna.	45
3.3. A Comunicabilidade Estética na Poesia da Morna.	47
4. CONCLUSÃO.	51

5-Referências Bibliografias.....	53
6.Anexos.....	55

Resumo

O presente trabalho pretende analisar, exaustivamente, o conteúdo da morna cabo-verdiana, arrecadando informações que se traduz no sentimento estético que reputamos de maior interesse para a compreensão da sua produção poético-musical.

Dentro do contexto da estética, que não deixa de ser filosófico, vamos discutir e analisar as ideias dos Musicólogos, Poetas, Filósofos, além de opiniões interessantes relativamente à Morna, expressão simbólica da sensibilidade da alma do povo Cabo-verdiano.

Neste trabalho procuramos demonstrar o carácter estético e filosófico da música, para depois entrarmos no capítulo central do nosso trabalho em que, como é lógico, faremos um breve análise histórico da morna, para depois exploramos as principais ideias relativamente à morna.

O presente trabalho encontra-se organizado em três capítulos:

No primeiro capítulo nós abordamos a música, demonstrando tanto a sua parte estética como filosófica. No segundo capítulo abordaremos, a morna, expressão simbólica da sensibilidade da alma do povo Cabo-verdiano, na perspectiva histórica e filosófica. Finalmente, no último capítulo faremos uma abordagem da poesia e da morna numa perspectiva estética.

I. Contextualização

A razão da escolha do tema que se intitula «*A Morna, Expressão Simbólica da Sensibilidade da Alma do Povo Cabo-verdiano no Contexto Estético-Filosófico*» prende-se com o facto de ser um tema que despertou interesse em muitos autores, por outro lado ser um assunto que carece de uma profunda reflexão, e de tentar fazer um retrato psicológico do *ilhéu* no seu eterno relacionamento com o ecossistema que o rodeia, com a contingência sempre eminente de ter que deixar o pedaço *ilhéu* onde se viu nascer e onde viu germinar o amor pelo(a) *cretchéu* e, sabendo ter que deixá-la. Melhor dizendo, ela traduz toda a idiossincrasia do povo destas ilhas.

O tema ora escolhido, para além de ser um tema de matriz estético-filosófico, pensamos que é um tema relevante e interessante na medida em que suscita levantamento de questões a níveis histórico, filosófico e estético. Como é óbvio, o Homem como um ser racional e problemático, desde muito cedo tentou questionar e compreender melhor a natureza de uma arte – morna, que se identifica com os vários momentos socio-políticos, socio-económicos, ou culturais de Cabo Verde e que surgiu para suavizar a dor, o sofrimento, a alegria, a mágoa e muitos mais outros sentimentos profundos que se reuni nas melopeias das ilhas, no cantinho mais íntimo da alma desses povos.

Como referimos a pouco, o tema em estudo, parece-nos relevante, pois pretende analisar, questionar, a nossa cultura, assim como, a vivência do quotidiano cabo-verdiano numa sociedade em que a cultura é resultante da simbiose cultural e da miscigenação de duas raças diferentes, onde cabe a cultura, a sensibilidade e a tradição, o papel de árbitro na identificação nos sistemas sócio – culturais.

Por outro lado, o tema despertou interesse em nós no sentido de procurar compreender à luz do pensamento de vários filósofos, poetas e musicólogos o valor estético-filosófico da morna, qual é a sua filosofia, e que sentimento revela a morna desses povos e muito mais... enfim, são problemas que pretendemos analisar e buscar soluções, caso existam.

II. Perguntas Orientadoras de Pesquisa

Partindo do pressuposto de que todo e qualquer trabalho científico deve ser orientado por questões, pois este não surge do nada, achamos por bem traçar algumas perguntas que vão funcionar como uma bússola ao longo da efectivação deste trabalho.

Deste modo, destacam-se as seguintes questões:

- O que é a música?
- Qual é a filosofia da música?
- Qual é a Função / utilidade da música?
- Até que ponto temos uma estética na música?
- Como pensam alguns filósofos da música? (Nietzsche, Schopenhauer, Hegel)
- O Que é a Morna?
- Qual é a filosofia da morna?
- Que ideia os povos Cabo-verdianos tem do canto morna?
- Pode a morna ser a expoente máxima da sensibilidade do povo destas ilhas?
- Qual é a características da morna cabo-verdiana?
- A nostalgia e a saudade poderão ser os elementos primordiais da morna?
- Poderá haver a estética na poesia da morna?

São estas e outras questões que propomos responder e vão estar sempre presentes ao longo da efectivação deste trabalho.

III. Objectivos

Ao escolhermos este tema, pensamos nos objectivos que pretendemos alcançar com o desfecho do trabalho. Sendo assim, destacam-se, os seguintes:

IV. Objectivo geral:

Analisar no contexto «estético-filosófico», a morna, expressão simbólica da sensibilidade da alma do povo Cabo-verdiano, a luz do pensamento de vários filósofos, poetas e musicólogos. Tal objectivo justifica-se pelas seguintes razões:

Primeiro: no contexto estético, porque a estética é uma área de carácter sensitiva, isto é, uma área que tem por objectivo analisar as obras de artes em geral e dos sentimentos que eles em nós despertam. Segundo, contexto filosófico, visto que retrata toda a filosofia da vida do povo

que o criou. Além disso, a estética precisa da razão para potenciar o acto estético, fazendo com que este invada todos os componentes da personalidade e todas as actividades do espírito, na medida em que o objectivo de uma boa orientação estética é, justamente, o de fazer a razão potenciar a emoção estética de um determinado conteúdo que invade o espírito ou a alma de qualquer pessoa.

V. Objectivos específicos:

- Analisar a história da morna no contexto estético-filosófico.
- Confrontar a vivência da morna em Cabo Verde com pensamento de Nietzsche na sua obra *Origem da tragédia Grega*.
- Caracterizar a morna como a expressão simbólica do povo Cabo-verdiano.

VI. Metodologia

O Trabalho a ser levado a cabo, pela sua própria natureza, vai utilizar método analítico, como pesquisa teórica, isto é, partir de documentação bibliográfica. A metodologia a utilizar como já frisei vai ser essencialmente pesquisa e análise bibliográfica, bem como recurso a Internet e a questionário, entrevistas e a participação no seminário a realizar-se no I.S.E. Basear-nos-emos fundamentalmente no método analítico na medida em que não é um trabalho de carácter prático que permita fazer inquéritos e recolhas de dados, mas é um trabalho essencialmente teórico em que debruçar-nos-emos nas principais obras dos autores a traz mencionados e também nas obras dos outros autores que reflectiram sobre esse assunto.

Destacam-se aqueles que consideram que todas as sensações humanas, seus esforços, seu interior pode reflectir e exprimir-se pelas melodias. De um modo geral, são entre outros os filósofos Nietzsche, Schopenhauer, Wagner, Hegel. E também de alguns poetas e musicólogos Cabo-verdianos e estrangeiros, que da mesma forma consideram a morna, a música suprema, transpiradora duma simultaneidade vivida pelos Cabo-verdiano.

Para além de basearmos nalgumas obras desses autores que aliás constitui as linhas mestras desse trabalho, procuramos fazer algumas entrevistas e aplicar alguns questionários, focando algumas questões que pensamos ser muito relevantes na execução do trabalho, como forma de compreender a representação que se tem sobre o tema em epígrafe. Além disso, fazemos ainda o uso das novas tecnologias de informação que estão a nossa disposição, isto é, fazer

pesquisa na Internet sobre esse tema como forma de enriquecer mais o trabalho. Também participar-nos-emos no seminário de trabalho de fim de curso a realizar-se nas instalações do I.S.E sob a orientação do Mestre Baltazar Neves com o objectivo de clarificar alguns conceitos básicos a ter em conta na redacção de trabalho de fim de curso.

1. Introdução

Na exteriorização do sentimento do homem, resultante da sua tragédia ou fatalidade, a música e a poesia, são duas artes da comunicação que vivem do som, da articulação, da expressão. Com valor em si mesmos, os seus caminhos cruzam-se no universo da canção. Por isso, de entre as grandes vertentes da arte, a escultura, a arquitectura e a pintura, são aquelas que mais representam uma maior expressividade e emoção. A música é encarada como a forma de arte mais pura e inconfundível, além de despertar emoção no fruidor. Também exige que ela seja compreendida intelectualmente. A poesia é a arte de fazer versos de uma forma harmoniosa, provocando emoções no fruidor e é a filosofia ou serenidade da tragédia (realidade).

De entre eles, destacamos a morna, música popular, que constitui a expressão do sentimento mais íntimo e misterioso da alma de um povo. Na verdade, representa uma canção com variedades expressivas que, desde os primórdios da formação da sociedade cabo-verdiana, representa um dos aspectos mais dinâmicos da criatividade e da idiossincrasia do povo Cabo-verdiano, bem como, uma das pedras basilar e mais fortes da unidade nacional, o elemento cultural que contribui para levar Cabo Verde ao mundo, nas asas do seu ritmo, na voz dos seus intérpretes e no barco de uma gramática que a transporta e dá sentido.

Esta forma inconfundível da arte, indissociável uma da outra, desde muito tempo, deu origem às músicas tradicionais, consideradas de uma enorme vitalidade, recebendo, mesclando, elaborando, transformando e recriando elementos de outras latitudes, que acabariam por dar origem a géneros enraizados no seu universo e a ritmos que espelham a idiossincrasia do povo destas ilhas.

Ora, o Cabo-verdiano insere-se num contexto em que deu conta e necessidade de criar uma arte, neste caso, a morna, portador de intenções, sensações, impulsos motores e imagens estéticas que emergem instantaneamente e que deve ser a expressão da sociedade, na qual exerce uma acção catalizadora de motivações vivenciais como um todo harmonioso, permeando toda a actividade social, vivificando-a.

2. Breve Enquadramento Conceptual

Antes de mais permitam-nos citar um dos mais eminentes filósofos da modernidade, considerados por muitos como o instituidor do pensamento estético, ou se preferirem, o fundador da disciplina estética, o Alemão, Alexander Baumgarten, que na sua obra “Aisthesis” publicada em 1750 no século XVIII, afirma: “ a estética cujo objecto seriam os sensíveis, (...) A faculdade de sentir, torna-se, assim objecto de estudo de uma ciência que visariam orientar a faculdade cognoscitiva inferior, que inclui os sentidos e as sensações, as representações sensíveis dos objectos resultantes da faculdade imaginativa.”). Esta afirmação, que ficou celebre, mostra claramente que a música, como objectos sensíveis, consciencializa impressões e emoções que deve ser introduzido num sistema mental, e institui-se como uma teoria de arte na medida em que a beleza seria a perfeição do conhecimento sensível e a poesia, nesse caso, é o perfeito discurso sensível, que submetendo-lhe a uma apreciação estética consciente dá-nos mensagens ou imagens que não deixem de ser estético daqueles sentimentos ocultados.

No entanto, foi por estas razão, que a morna Cabo-verdiana teve o mérito da expressão simbólica da sensibilidade da alma deste povo, uma vez que pela análise estética das suas letras «poesia poemas» oferece-nos mensagens estética daquele sentimento profundo invisível, simbólica que se encontram na alma do povo cabo-verdiano, pela emigração, pelo amor (...), tornando-se, como diz o poeta Eugénio Tavares e o musicólogo Vasco Martins “*uma forma musical de grande vigor representativo do estado emocional de um povo inteiro*”¹ Com isto, deixa entender que a morna é a parte intrínseca da cultura mestiça, uma temática sensitiva e elegante, dramatização das aspirações e do concerto do imaginário do povo Cabo-verdiano, uma temática popular e tradicional muito própria e de grande valor universal.

Neste itinerário, já dizia, o filósofo Nietzsche, “*a música é uma linguagem universal em alto grau em que todas as sensações humanas seus esforços, seu interior pode ser reflectida e exprimida por meio de melodias*”. E, Schopenhauer, considerando como a “*expressão da*

¹ Cf. MARTINS, Vasco. A música tradicional I (A morna). Edição Instituto Cabo-verdiano dos livros e dos discos. Praia. 1996. Pag. 27.

vontade” e, continuou Ricardo Wagner, “*a arte suprema*”.² Portanto estes autores são de opinião de que a música constitui a expressão e resumo de vanguarda de um povo, o repositório ancestral da sensibilidade de um povo.

² Cf. Citação tirado da Internet; Site: <http://www.hy-bernetzsch.org/static/a-hartmann-cavalcanti-1/1-1-Comentário-da-obra-“O-nascimento-da-Tragédia-a-partir-do-espírito-da-música.”>

CAPITULO – I

O CARÁCTER ESTÉTICO – FILOSÓFICO DA MÚSICA.

Para iniciarmos a redacção deste trabalho – sob o título – *A morna expressão simbólica da Sensibilidade da alma do Povo Cabo-verdiano*, e para uma melhor compreensão, seria bom frisamos, que este trabalho encontra-se sob a lei da forma estética, onde a realidade existente é necessariamente sublimada e o conteúdo imediato é estilizado.

Tendo como consequência aquele sentimento originário, expressão da vontade universal saturado de representação simbólica, que se encontra no mais íntimo da interioridade da alma de um povo, revolve e agita o espírito humano.

Com isso, pretendemos neste capítulo, mostrar que este sentimento é revelado pela música, e desperta em nós uma enorme carga de emoção. O que configura-se necessariamente como um acto estético.

Por isso, teremos, em primeiro lugar, uma abordagem geral da estética. Seguidamente, falaremos da filosofia da música, da maneira pela qual a música aprende e apresenta o seu conteúdo e finalmente da estética da música.

Posto isso, teremos obtido uma explicação mais precisa da estética e do seu acto que a música exerce sobre a alma e os sentimentos.

1.1. Abordagem Geral Da Estética.

Mas afinal, o que é estética? A estética está somente relacionada à arte? Por certo que não. Por exemplo, lembra-nos que ela está na natureza, na indústria, na nossa vida quotidiana. Ressalta a ideia de que todos nós estamos submetidos diariamente a situações estéticas, mesmo que não percebamos claramente:

*"Acadêmicos ou não, em determinados momentos de nossas vidas todos vivemos em uma situação estética, por mais ingênua, simples ou espontânea que seja nossa atitude como sujeitos nela. Ante a flor que se dá de presente, o vestido que se escolhe, o rosto que cativa, ou a canção que nos agrada, vivemos essa relação peculiar com o objecto, que chamamos de situação estética. E a vivemos guiados por certa consciência ou ideologia estéticas"*³

Do ponto de vista dos estéticos, a estética é um termo de origem grega – “Aesthesis” – que significa «sensação», «perceber», «sentir». É o Ramo da filosofia que, inclui um conjunto de conceitos e de problemas tão variado que, aos olhos daquele que se inicia no seu estudo, pode parecer uma matéria demasiado dispersa e inacessível. Uma maneira de desfazer tal impressão é começar por esclarecer que a estética é uma disciplina filosófica que se ocupa dos problemas, teorias e argumentos acerca da arte. Mas, a estética, nem sempre tem sido utilizado nesse sentido. E isso não ocorre apenas em relação ao uso comum da palavra «estética»; ocorre também no interior da própria “tradição filosófica.”⁴

3. Cf. <http://www.Letras.Ufmg.Br/lourenço/livros/index.html#2>.

4. Cf. <http://a.filosofia.no.sapo.pt/históriaestética.htm>. O termo «estética», segundo o Filósofo Alexander Baumgarten, o seu criador, antes do século XVIII, a filosofia tende a separar radicalmente a sua própria linguagem da linguagem artística, estabelecendo, muitas vezes, uma relação valorativa entre ambas: ao passo que a linguagem filosófica é tida como *lógica, conceptual, nítida, espiritual*, a linguagem da arte é vista como *ilógica, imaginativa/figurativa, confusa e sensível*. Mas, só a partir do século XVIII, com a publicação da sua obra *Aesthesis* é que a estética passa a ter a sua autonomia em relação ao conhecimento lógico. A partir daí, foi vista como disciplina filosófica que estuda as formas de manifestação da beleza natural ou artística, criadas pelo homem. Ou ainda, muitas vezes, é apresentada como disciplina filosófica, que se ocupa dos problemas e dos conceitos que utilizamos quando nos referimos a objecto estético - aquela que provocam em nós uma «experiência estética», - que resulta da contemplação de objectos estéticos, que portanto, exprimem juízos estéticos

⁵ .Cf. HOUSSEN, Abigail. BARROS, Elisa, e outros. *Educação Estética e Artística*. Fundação Calouste Gulbenkian. Citada por Alexandre Baumgarten, o fundador da disciplina estética, no Ano 1775, Século XVIII, definiu a Estética como “a ciência da cognição sensível”.

Deste modo, podemos considerar que o conceito da estética está relacionado ao “*conhecimento sensível*”⁵, ligado às sensações, aos sentidos, (visão, audição, paladar, tacto, gustação), estuda as percepções emocionais que estão na beleza, que se encontra na vida que nos acerca, no mundo que nos afecta. Algo para o qual somos educados, quotidianamente, que interfere nas nossas escolhas, nas nossas opções, mesmo que nem sempre demos a ela a importância que deveria ter no processo educacional.

Ela esta na obra do artista que nos comove e nos provocam, nas harmonias de uma música, que constitui uma obra de arte.

Neste itinerário, já dizia Benedetto Croce;

*“ Tudo tem sido arte, porque arte é sentimento, é visão, é intuição. A arte é sonho, um sonho de Beleza e de Emoção. Arte é irradiação da Fantasia. Arte é matiz, é tonalidade, é jeito subjectivo com que nossa alma aprendeu a receber as percepções do mundo exterior. É uma tradução de anseios, uma gaze tenuíssima que a alma tece sobre as visões da vida. Vive no coração e não no cérebro. Não é um jogo da razão, mas uma fluidez do sentimento.”*⁶

De acordo com a citação, a arte assume a propriedade psicológica da esteticidade. É uma estética, enquanto obra sensível, estética enquanto exerce esteticidade. Isto é, enquanto produz “*sentimento estético*”⁷. Assim, a filosofia da arte se ocupa da arte como uma estética, isto é, como uma obra sensível, produtora do sentimento estético. Nestas condições a filosofia da arte cuida da esteticidade no conclave das suas propriedades psicológicas, de modo que as coisas que, quando se manifestam ao conhecimento, mais intensamente despertam o prazer estética, devido ao poder de expressão que as obras sensíveis oferecem-nos. Portanto, Como exemplo disto, temos as letras ou poesias da morna Eclipse, da morna Sina de Cabo Verde, *Hora di bai*, e *Dor di Sodade* e muitos mais, pois, são músicas emocionantes ou fascinantes, dirige directamente sobre o estado do espírito da pessoa que as escutam com corpo e alma, exprimindo o sentimento íntimo da alma.

⁶ Cf. MARIA, Julian. História da Filosofia. Edição Sousa e Almada Limitada. 13ª Edição. 1989. Citado por Benedetto Croce Pag. 267.

⁷ Cf. Pode definir-se como sentimento estético a satisfação resultante de um conhecimento. Todo saber é objecto capaz de produzir uma satisfação peculiar, que dominamos de sentimento estético. As coisas que produzem, ao serem conhecidas, são sentimento estético, e qualificam-se como estéticas. O saber, enquanto produz tal sentimento, é portanto, estético. Este sentimento, na estética Kantiana, é pelo contrário, é pura e desinteressado.

A poesia é, pois, a arte que tudo pode dizer, exprimir todos os sentimentos. Tendo como objecto sensível, ela traduzida em música, são artes, são representação do sentimento. Contemplada, elas reagem sobre a alma, como a luz sobre uma placa sensível. Ora, pertencem a uma situação estética que quando se manifestam ao conhecimento despertam em nós uma enorme carga de comoção, o que traduzimos em sentimento estético. Pois, elas produzem aquelas verdades que se encontram no mais profundo de nós saturado de representação simbólica.

Assim, música e a poesia são evocação de estados da alma, “*desce ao fundo da alma*”⁸, e sobre isso, a cantora **Lura** afirma que isto acontece normalmente com as músicas tradicionais, como é o caso da morna, do batuque, da Funana e da Coladeira. São aquelas que mais reflectem a idiossincrasia do povo das ilhas, onde cada músico deve tocá-las com ritmo, harmonia e estética. Uma vez que a estética surge como uma espécie reguladora das representações confusas, na medida em que fornece as regras para que o resultado de tais representações não seja apenas a confusão, mas também algum tipo de conhecimento lógico.”⁹

Na verdade, para que isso aconteça pensamos nós, é preciso que haja uma união entre o espírito sensível do fruidor com o processo criativo, o que permitem a formulação de um juízo estético. Para isso, “*o ser humano é, muitas vezes, guiada pela cultura, mas independentemente dela, ele é acima de tudo orientado pela sua própria intuição e sensibilidade estética.*”¹⁰ Neste caso, afirmamos que o objecto exterior só entra em conteúdo com nós mediante os nossos sentidos, por meio da nossa sensibilidade e imaginação. Agora, a sensibilidade, enquanto faculdade de sentir, tem como função perceber e sentir as impressões do próprio corpo e do mundo que lhe é exterior.

Neste sentido, ela está, simultaneamente, associada quer à capacidade de ter sensação, perceber e conhecer, quer à possibilidade de se ser afectado, ou seja, à capacidade de se ter vida afectiva (desejar, amar, sofrer, fruir, comover-se., emocionar-se). Com isto, podemos dizer que a sensibilidade é, o domínio da estética. Ora, o termo sensibilidade, tanto nos podem remeter para os conceitos de “aparelho sensitivo e perceptivo” – intuição sensível – pelos

⁸ Cf. Citação tirada da obra “Tesouro Artística do Mundo”. Deuses, Reis e Burgueses. Período do Barroco. Edição e promoção do Livro. EDICLUZE. 1992. P.149.

⁹ . Cf. Dita pela cantora Lura numa Entrevista Concedida ao autor do trabalho, em 18 de Maio de 2006 na praia.

¹⁰ Cf. MAGNANI, Sérgio. A expressão e Comunicação na Linguagem da Música. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1989. pag 15, 16.

quais nos são dados a conhecer os objectos sensíveis – como para os conceitos de “sentimento” delicadeza de sentir, – gosto, ou mesmo a capacidade de fruição do belo e fantasia criativa – que nos permitem aceder à experiência estética e à criação artística. A sensibilidade é, portanto, uma faculdade imprescindível no processo cognitivo.

Desta forma, a estética trata-se em geral dos sentimentos que uma obra ou um objecto sensível pela sensibilidade e imaginação desperta em nós. Esses sentimentos são apreendidos pelos homens através da sensibilidade, das suas formas a priori (intuição tempo e espaço) e do entendimento. Isto é, “ *a sensibilidade fornece as formas da intuição a priori e o entendimento fornece as categorias ou conceitos a priori que são responsáveis para a manipulação do múltiplo sensível que é dado.*”¹¹

Sendo assim, a razão, o entendimento adquire no homem uma força imprescindível de evocar os seus sentimentos, as suas emoções de agrado ou desagrado, de prazer ou desprazer e de tristeza, perante uma análise cuidadosamente dos objectos intuídos pela sensibilidade. No sentido de que, o homem possui a razão, as emoções e as outras faculdades, e o meio envolvente que influencia a sua personalidade e que desperta nele a emoção de agrado, de desagrado, de prazer, ou de tristeza. Neste tipo de sentimento, o homem não se limita apenas a contemplar, mas também cria e produz objectos, onde não só procurar expressar estas emoções, mas fá-lo de forma que os outros as possam igualmente experimentar quando os contemplam. Por isso, a música é o único exemplar na forma como se pode produzir essas mensagens tão ambíguas e inexplicável ou misteriosas.

Por isso, frisamos que a estética coloca a arte aos mais alto interesses do espírito ao declarar aquele sentimento mais profundo do ser humano a sua subjectividade. Neste sentido, “ *a arte é o mais subjectivo, desenvolvimento do espírito, a partir do real. Ela é a revelação do absoluto na forma de intuição.*”¹²

¹¹. Cf. MARIA, Júlian. História da filosofia. Edição Sousa e Almeida Limitada. 13ª Edição. SS. Citado por Emmanuel Kant. Pag 286. A sensibilidade apenas intui é a faculdade que mediante as suas formas a priori nos permite receber dados ou impressões sensíveis e assim termos objectos para conhecer. Sem ela, ou seja, sem intuição sensível, nada nos seria dado para conhecer – mas não é suficiente precisa do entendimento que conhece aquilo que a sensibilidade põe ao seu dispor, ligando necessariamente mediante o conceito de causa, os dados sensíveis. Sem este conceito, forma intelectual do homem não há conhecimento.

¹². Cf. HEGEL, G.W. Estética a ideia e o ideal. Lisboa - Guimarães editores, 1993. P. 15,16.

Deste modo, podemos considerar que o fim último da arte consiste, em pôr ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a verdade que o homem guarda no seu espírito, o que revolve o peito e agita o espírito humano. E fá-lo mediante a aparência que, como tal, nos é indiferente desde que sirva para acordar em nós o sentimento e a consciência de algo de mais elevado. Por isso, vejamos agora, a sua filosofia, a maneira como a música desperta a nossa sensibilidade.

1.2. A Filosofia da Música.

No decorrer da história da humanidade numerosos pensadores e músicos propuseram diversas definições da música. Já na antiga Grécia, Platão e Pitágoras deram a sua opinião sobre o fenómeno musical; músicos como Beethoven, Wagner e Stravinski, entre outros, também expressaram o seu parecer. De todas as definições de música, talvez a mais conhecida seja a de que a música é “a arte de agrupar sons com uma intenção estética determinada”. Mas não se deve esquecer que a música é também um sistema de comunicação: entre os que emitem música e os que a recebem estabelece-se uma comunicação especial.

Há que esclarecer que as qualidades de significação que atribuímos à música estão ligadas à nossa interpretação do que escutamos. De facto, a música consegue comover-nos, às vezes intensamente, mas de maneira muito variável conforme as pessoas. Mas se desejamos fazer da música um autêntico conjunto vital, senti-la ligada ao ritmo da nossa vida, companheira de todos os dias e confidente de todos os segredos, em tal caso podemos conhecê-la através de um simples acto de simpatia física e ideal, da mesma forma que os filhos reconhecem as mães.

Isto porque, segundo Igor Stravinski “*o ser humano, desde pequeno tem uma reacção instintiva diante de qualquer música simples: um ritmo, uma melodia curta servem para alegrar, para dançar ou, às vezes, para adormecer. Isto é um fenómeno universal: todas as culturas, realizam actividades em que a música e a dança são as protagonistas.*”¹³ Partindo dessa ideia, consideremos a música de todas as grandes vertentes artísticas, aquela que representa sem dúvida maior expressão utilitária, desempenhando um papel relevante na sociedade e constitui uma fonte insubstituível de prazer espiritual.

¹³ Cf. IOVCHUK, M. T. SCHIPANOV. Historia de la filosofía 2ª edição. Editorial progreso. Moscú 1980. pag. 296.

Na verdade, a nossa vida está marcada pelos sons de várias procedências (ruído do vento, e da chuva, canto de pássaros, barulho de trânsito, o impertinente toque do telefone...), que transformam o nosso ciclo vital numa autêntica música. Mas, cada um desses sinais sonoros ou ruídos possuem um significado, um conteúdo e uma forma diferenciado. Desta forma, “*o som é o fundamento da música.*”¹⁴ O movimento vibratório dum corpo sonoro que, propagando-se através de um meio, chega até aos órgãos da audição humana sob a forma de sensações enviadas a seguir à consciência, que as transforma em reflexos psicológicos e sentimento estético.

Podemos afirmar sem dúvida, que com a música, entramos no domínio do invisível. Não do insensível, visto que o som é uma vibração do ar que os tímpanos sentem. No entanto, graças ao som, a música desliga-se da forma exterior e da sua perceptível visibilidade, para a concepção das suas produções, que apenas se efectua a um órgão especial; o ouvido, que como a vista, faz parte não dos sentidos práticos, mas dos teóricos. Isto é, o som não é algo material, mas é um elemento abstracto, a vista e ouvido são precisamente os sentidos adequados às manifestações puras e abstractas. A vista, preserva apenas a existência sensível e o ouvido, sem fazer qualquer alteração dos corpos percebe o resultado desta vibração interior, pela qual, se manifesta a primeira verdade da alma.

De tal modo, o som é uma manifestação exterior; porém, a sua característica é a autodestruição, a auto – aniquilação. Apenas atinge o ouvido, logo se extingue; a impressão que produz interioriza-se imediatamente; os sons só encontram o seu eco no fundo mais íntimo da alma emudecida e comovida na sua subjectividade pura. Então, “*o som, contrariamente à matéria das artes plásticas, tem uma natureza abstracta. Só a interioridade, a subjectividade abstracta se deixa exprimir pelos sons.*”¹⁵

Contudo, servindo-se dos sons, é possível imaginá-los dentro de um campo de influência do comportamento humano. Assim como as cores tendem a despertar certo tipo de reacção em nossa percepção, associando-se com sensações experimentadas por nós, os sons,

¹⁴ Cf. MAGNANI, Sérgio. A expressão e Comunicação na Linguagem da música. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1898. p. 81,82.

¹⁵ .Cf. HEGEL. G. W. A estética a Ideia e o Ideal. Guimarães editores – Lisboa.1993. p. 494.

especificamente os musicais, isto é, sons ordenados de maneira sistemática e cadenciada, podem estimular e desencadear diversos sentimentos.

Porém, os diversos elementos estéticos podem especialmente sugestionar, emocionalmente o receptor. Com efeito, a missão da música, consiste não em reproduzir objecto reais, mas em fazer ressoar o eu *mais íntimo*, a sua mais profunda subjectividade, a sua alma ideal. Ela não expressa mais do que o sentimento e, envolve a expressão das representações do espírito dos sons melódicos do sentimento imperceptível, faz balançar o espírito entre a perspectiva do futuro e a lembrança do passado, o seu mistério tem que ver com o facto de se dirige, directamente, ao corpo e à alma ao mesmo tempo, a menos que se dirija à sua união.

Podemos afirmar que a finalidade da música é bastante complexa. Podemos perguntar. *O que impeliu o homem primitivo a descobrir o misterioso poder do som? Ou será que é a influência mágica do som que despertou a sua sensibilidade?*

Seja com for, há que admitir a existência dum ser capaz de fazer libertar o potencial sonoro dum corpo que provoca a explosão do som contido nele. Portanto, para os primitivos o uso do som foi muito importante, na criação do gado. Ela transporta alegria e sofrimento na caça, na colheita, na resistência, na luta e na vitória. Ela constitui como veículo de comunicação, possui um sucedâneo da linguagem, não constitui unicamente um fim em si mesma. Pretende alcançar algo exterior à sua essência, isto é, possui um fim mais significativo que é ligar o seu mundo âniomo com o incompreensível. Uma canção sussurrante adormece os sentidos. Daí podemos dizer, que ela tem uma outra função, que é actuar sobre a *psique* do ouvinte e impressioná-la. Daí que se afirma “ *que a primeira manifestação sonoras se transformaram em arte musical, baseando em intuições sensíveis*”¹⁶.

Aqui nota-se a intenção de afectar e provocar o ouvinte. É assim que Raymond Gourt teria afirmado que a “ *música se interioriza ao mesmo tempo que se esfuma*”¹⁷. No entanto, dizemos nós, se há uma interiorização é porque conseguimos captar a mensagem, é porque ela nos toca e fere a nossa sensibilidade, permitindo-nos reter como um todo após se esfumar a última vibração. Mas, muitas vezes, dizemo-nos que «o gosto não se discute».

¹⁶ Cf. MALHERBE, Michel, GAUDIN, Philippe. As Filosofias da Humanidades. Editions Bartillat. 1999. p. 110, 111.

¹⁷. Cf. RAYMOND, Gourt. Le Musical, Essay Sur Les Fondements Anthropologiques de l'art, editions Flinchsielk, Paris 1976. P. 110.

O impacto causada pela música tem haver com o nível cultural das pessoas, com a faixa etária ou mesmo com a natureza sensível, a educação ou experiência estética que como sabemos, não é igual em todos os homens. As sensações emocionais que a música provoca nas pessoas divergem muito. Está relacionada com o estado de espírito da pessoa e com as circunstâncias vivenciais.

Seja como for, o certo é que a maior parte delas, provocam na maioria das pessoas, uma sensação que, no entanto, pode ser agradável ou desagradável. Ela invade totalmente a nossa vida. Enfim torna a nossa vida mais suave e menos penoso. Purifica a nossa alma e estimula o nosso espírito. Alias a musica sempre esta presente nas ocasiões especiais da vida, nas cerimónias fúnebres, nos matrimónios, nas missas, enfim, desempenhou e desempenha o papel de alegria, tristeza, nostalgia, adquirindo um significado diferente conforme for a variedade desses momentos.

Por isso, consideramos ela *“como a arte que exprime a essência do homem na sua integridade abstracta e espiritual do sentimento.”*¹⁸ Na verdade, a música constitui um modo de representação que, se tem por forma e conteúdo o subjectivo, visto que, como arte serve para comunicar a interioridade, e permanece subjectiva na sua objectividade (realidade). A música dirige-se mais profunda interioridade subjectiva; é a arte de que a alma se serve para agir sobre as outras almas, exprimindo o sentimento da vida exterior, os estados da alma, as paixões do coração, as situações, lutas e destinos da alma.

Portanto, aviva-se o sentimento profundo do homem, as emoções reais, as imaginárias por meio de sons. Com isso, ela torna-se uma arte de expressão, cuja finalidade é configurar idealmente a natureza íntima invisível do homem. Por outra palavra, a música constitui uma das formas mais culturais, mais globais que representa os sentimentos, as emoções e as paixões, ou seja, a essência do homem na sua integridade melhor do que quaisquer outras belas-artes.

De acordo com, Nietzsche, a música na antiguidade era a Tragédia, a consolação metafísica dos homens confrontados com uma existência desprovida de objectivo ou de fim. Ora, a

¹⁸ Cf. HEGEL, G.W. A estética a ideia e o ideal. Guimarães editores- Lisboa. 1993. P. 189

tragédia é a realidade, surgiu para medir a subjectividade do Grego perante a todo o sofrimento, o seu grau de sensibilidade. Aliás, eles viviam de miséria, de melancolia e de dor. A música como tragédia servia para revelar esses sentimentos, ou os segredos misteriosos que os gregos naquela altura tinham. Por isso, a Tragédia, representava sob a forma de dois instintos do “*equilíbrio do Apolíneo radioso e do dionisiaco desenfreado*”¹⁹, onde fornecia uma consolação, jugulando o desejo de morte que se apossava do homem sem liberdade.

A tragédia lutava, pois, contra a melancolia (tristeza), que caracterizava o homem e permitia-lhe aguentar a experiência perigosa da vida. Por isso, na origem da tragédia, “*a música, repousa no seio daquela força que, sob a forma da “Vontade” produz a partir de si um mundo de visões.*”²⁰

Nota-se, ainda que, não são somente as imagens agradáveis e deliciosas que o artista descobre dentro de si, também o severo, o sinistro, o sombrio, o triste, o que confirmam evidentemente esses dois instintos impulsivos ou forças geradoras dos sentimentos que se encontra na nossa natureza mais íntima e no fundo do nosso ser. Sendo assim, originam dois tipos de músicas. Uma mais serena que se revela o mundo imaginal do sonho. Por outro lado, uma mais horrível, uma realidade cheia de embriaguez. Isto é, o homem embriagado sente a força em revelar aquilo do que é mais misterioso e horrível que se encontram dentro nossa alma.

Sendo assim, na esteira da ideia central de Nietzsche, continuou o Filósofo Artur Schopenhauer, afirmando que “*a música é a imitação da própria vontade, cuja objectividade consiste nas próprias ideias, e por essa razão que o efeito da musica é mais poderoso e penetrante do que o das outras artes, o espelho do mundo, é a arte suprema, arte daquilo que faz a essência do mundo: a vontade.*”²¹

¹⁹ Cf. FEDERICO, Nietzsche. A Origem da Tragédia. 8ª Edições. Lisboa - Guimarães Editores 1997. P. 40, 41, 42. Apolíneo – Apolo é o deus da clareza, da harmonia e da ordem; identifica-se com o sonho, as imagens e as formas individualizados. Neste estado de espírito o indivíduo toma o sonho como a realidade das coisas, algo real; Dioniso, o deus da exuberância, da desordem e da música, simboliza a natureza, o excesso e o irracional. Este estado de espírito, o indivíduo sente-se livre e autónoma para revelar coisas ou acontecimentos horrível, misterioso e cruel da existência humana.

²⁰CF. IDEM, P. 70.

²¹Cf. IDEM. P. 64, 65.

Todavia, a sua estética fez da música a arte suprema, aquela que nos liberta, verdadeiramente da roda dos nossos tormentos. Ora, representa a “vontade”, e atinge finalmente o em si do mundo, no qual estamos apanhados. Revela-nos os movimentos mais escondidos da nossa alma. Portanto é, *“perfeitamente inteligível e totalmente inexplicável, exprime a Metafísica secreta do mundo que se torna uma encarnação de si mesma.”* ²² Por estas razões, consideramos que a música, contempla todos os sentimentos misteriosos e íntimos, invisíveis da nossa alma. Neste caso, a música necessitaria de um conteúdo específicos e representativos.

1.3. A Concepção Musical do Conteúdo.

Como já foi dito, a música, constitui um modo de representação que, se tem por forma e conteúdo o subjectivo, visto que, como arte serve para comunicar a interioridade, e permanecer subjectiva na sua objectividade (realidade). Por isso, ela necessitaria de um conteúdo e expressão espiritual. Conteúdo este que permanece cheia de significado para o espírito que a escuta.

Na esteira deste pensamento, não há dúvida de que *“é somente quando o elemento sensível dos sons serve para exprimir o espiritual de uma forma mais ou menos adequada, que a música se eleva ao nível de uma verdadeira arte, quer este conteúdo tenha sido formulado mediante palavras ou se liberte dos sons, das suas relações harmónicas e da sua melódica animação.”* ²³

Deste ponto de vista, podemos dizer que a, encargo da música, consiste em representar ao espírito este conteúdo, não como se encontra na consciência enquanto representação geral ou tal como existe para a intuição elaborada pela arte, mas, de tal modo, que possa ser aprendida pela subjectividade interior e, nela se possa revelar de uma forma vivente. Aliás a música tem

²². Cf. IDEM, Pag 69, 70

²³ Cf. HEGEL. G.W. A estética a ideia e o ideal. Guimarães editores- Lisboa. 1993. pag 499, 500.

a difícil missão, penso nós, de combinar o eco harmonioso com a linguagem da palavra que expressa pensamento mais determinados do sentimento e da emoção simpática.

De uma forma ou doutra, a interioridade como tal é, portanto, a forma sob a qual a música está em condições de aprender o seu conteúdo, e assimilar tudo o que é susceptível de fazer parte da interioridade e revestir a forma de sentimento. Tendo em conta isto, a música torna-se visível a própria interioridade a revelar aquele sentimento do fundo mais íntimo da alma como o seu objecto.

Observe-se, que é sob esta linhagem de pensamento que Cabo Verde ao longo da sua história criou uma música tradicional de uma surpreendente vitalidade, como o caso de funaná, da coladeira, do batuque, e especialmente da morna, que expressa ao espírito um conteúdo assimilada pela subjectividade interior e nela se possa revelar todo o temperamento do país e do povo vivente nele.

Ainda podemos dizer que o elemento da interioridade abstracta a que se une a música é, constituído pelo sentimento, pela subjectividade livre e amplificada do eu. Assim, o sentimento permanece sempre como o invólucro do conteúdo, e é nesta esfera que a música vai procurar os seus temas. Todavia, a música tornou-se a expressão de todos os sentimentos particulares, de todos os cambiantes do regozijo, da serenidade, do bom humor, do capricho, da alegria e do triunfo da alma, de todas as gradações da angústia, do abatimento, da tristeza, da amargura, da dor, do desespero e da melancolia, assim como, da adoração, do respeito, do amor que se tornam objectos da expressão musical.

Sendo assim, já dizia Nietzsche que a música é a tragédia, ou seja, a revelação da própria realidade, uma vez que ela deve patentear um conteúdo que constitui a expressão viva e imediata dos estados da alma, dos sentimentos adormecidos, pelos quais o coração e a alma se apropriam desse conteúdo, de maneira que a relação entre os sons concebidos e realizados nesta adequação, dão a expressão viva do que existe no espírito em estados de conteúdo definido. Porém, a música de uma maneira geral, procura sempre exprimir, pelos seus sons acompanhando a poesia, o sentimento susceptível de despertar no espírito o conteúdo das intuições e representações.

Portanto, estes conteúdos, muitas vezes, encontram-se sob a lei da forma estética, onde a realidade existente são necessariamente sublimadas ou exaltadas: o conteúdo imediato é estilizado, os dados são reformados e reordenados de acordo com as exigências da forma artística, a qual requer que mesmo a representação da morte e da destruição invoque a necessidade de esperança. Na medida em que, a transcendência da realidade imediata destrói a objectividade rectificadora, e abre uma nova dimensão que é o renascimento da subjectividade.

Porém, nesta esteira de pensamento, Marcuse refere que, “*na sublimação estética, tem lugar uma dessublimação na percepção dos indivíduos – nos seus sentimentos, juízos, pensamentos;*”²⁴ Neste caso, o que permanece válida e constante, é o imperativo estético do espírito, a necessidade de contemplar as emoções e sublimá-las ao nível de comunicação, expressada em belas imagens reflexos daquela beleza ideal que aprofunda em nosso espírito raízes não menos tenazes do que a verdade ideal. Só assim, colheremos o conteúdo da música significativo para o espírito ou alma que a escutam apto a transmitir as imagens estéticas.

1.4. A Estética da Música

Como já foi dito nas páginas anteriores, a estética em geral trata-se da reflexão sobre os problemas da arte. E, como actividade pratica no caso da interpretação da poesia da música, define-se como uma contemplação pura e consciente da obra de arte. Ou ainda, uma união entre o espírito sensível do fruidor com o processo criativo, que permitem a formulação de um juízo estético.

Portanto, a estética da música confira um momento da estética geral. A diferença reside na natureza da linguagem e dos símbolos. Por isso, “*ouvir música é em si um acto estético que, no entanto, deve ser submetido às leis gerais da fruição estética. No entanto, é preciso que o receptor seja capaz de transformar a mensagem sonora em acto estético.*”²⁵ Na verdade, o receptor têm como tarefa de codificar na poesia, ou poema aquele sentimento originário, expressão da vontade universal saturado de representação simbólica, que se encontram no

²⁴ Cf. HERBERT, Marcuse. A Dimensão Estética (Arte e Comunicação), edições 70 (Verlag, Munique, 1977). Pag 20.

²⁵ Cf. MAGNANI, Sérgio. A expressão e Comunicação na Linguagem da música. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1898. pag 47, 48.

mais íntimo da interioridade da alma de um povo, que revolve e agita o espírito humano. Para isto, o receptor, ou o ouvinte deve colocar em jogo uma coisa muito simples pensamos nós, *escutar com coração*. Ora, essa é a melhor maneira de apreendermos o sentido de uma mensagem quando ela é dita de corpo com alma.

Com efeito, importa salientar ainda que a estética na música consiste em medir o grau da sensibilidade que a música em si suscita em nós. Mas, esta medição só acontece quando o ouvinte reconquista os espaços internos e externos que compõem o pluridimensiolismo da música (espaço e tempo). Sem esses espaços ela é simples exibição de retórica sonora. O espaço interno sonoro é a livre movimentação das nossas emoções ou sentimentos. Só assim, conseguimos arrecadar a imagem estética, que é elaborado pelo criador através de complexos processos técnico-formais e vinculado por códigos de signos até os fruidores potenciais.

Para alcançar a imagens estéticas, o processo de comunicação sofre modificações profundas, justamente em função da natureza desta linguagem e dos símbolos portadores da mensagem estética, exigindo do fruidor uma postura, uma sensibilidade geral ou ainda uma singular aptidão da “*fantasia criadora*”²⁶ para a organizar a imagem e formas e um profundo conhecimento da técnica diante dos meios expressivos para que a imagem se traduz em signos comunicativos repleto de imagens estéticas comovente ou emocionante, de modo a provocar no ouvinte diferentes sensações.

Entre as músicas, o que mais nos suscita em nós a imagem estética, são os de folclores, que se encontram repletos de traços culturais e de lembrança dos tempos remotos ou primórdios, na medida em que com a linguagem musical conseguimos dizer muito mais do que com a nossa linguagem ordinária, oral e fonética. Por isso, constituem uma das formas culturais mais globais do pensamento artístico.

²⁶Cf. IDEM, Pag 33. O termo “ Fantasia” é usada como a outra coisa diversa da imaginação – mera faculdade, comum a todos os seres humanos, de produzir imagens soltas, não contempladas pela reflexão mental. É obvio que a imaginação pode intervir no processo criativo, mas tão-somente como ponto de partida ou estímulo. Por exemplo, para quem já leu o livro “ A expressão e Comunicação na Linguagem da Música de Sérgio Magnani”. Pode se compreender que o musico Beethoven, passeando pelos bosques de Viena, tenha sido obcecado por duas imagens musicais: o intervalo de terça descendente e um ritmo anapéstico, Provavelmente por algum ruído da natureza. Mas, de nada lhe valeriam estas imagens se não as aproximasse primeiro do processo mental e delas não extraísse, através da fantasia criadora, aquela organização de estruturas que viria a ser a Quinta Sinfonia.

É nesta perspectiva, que no capítulo que se segue esboçaremos sobre uma dessas músicas populares, considerando em Cabo Verde a criação autóctone, símbolos da luta dos Cabo-verdianos na sua afirmação como povo. Música essa que se chama – “ **MORNA.** ”²⁷

²⁷ Segundo o Poeta Cabo – verdiano Jorge Barbosa e Eugénio Tavares, “é o eco da voz interior de nós todos, da voz da nossa tragédia sem eco.”

CAPÍTULO – II.

A MORNA, EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA SENSIBILIDADE DA ALMA DO POVO CABO-VERDIANO

Neste capítulo, abordaremos a morna, canção que segundo as opiniões prestadas e com a leituras de alguns livros publicados pelos historiadores, musicólogos e poetas, afirmaram ser uma música que na sua dimensão humana, na sua essência, na sua formação é simplesmente Cabo-verdiana, pelo facto de se identificar com a própria vida do povo das ilhas, e com os vários momentos socio-políticos, económicos e culturais.

Nesta parte do nosso trabalho tentaremos descrever a história da morna do ponto de vista filosófico, assim como o seu conteúdo representativo que sob a forma da lei estética revela dimensão da realidade simbólica e afectiva que tantos envolvem o temperamento desse povo.

1.2. Breve historial da Morna Cabo-Verdiana.

A morna, como a maior parte dos factos culturais, transmitidos por via oral, é susceptível de uma história. Para compreendemos a história da Morna, é indispensável um recurso a uma historiografia que segue uma interrogação genuinamente estética acerca da música, a qual tem em comum com aquela que aqui se discute a temática interna da morna, enquanto problema de representação. Ela nasceu, cresceu e desenvolveu-se com a sociedade que lhe deu o ser, porém pode morrer ou ser substituída por uma outra manifestação cultural semelhante, ou tornar-se em mais um texto banal ou vir até a banalizar-se, quando for esvaziada da sua função e do seu conteúdo e não poder passar as mensagens.

A morna assim como as outras manifestações musicais à ela ligada, pode ser identificada com os vários momentos socio-políticos, socio-económicos, ou culturais de cabo verde. Então, desde muito tempo, a morna constitui um modo subversivo do filosofar da vida do povo Cabo-verdiano. Neste sentido, ela é concebida como sendo uma música tradicional que se caracteriza e se enraíza no universo Cabo-verdiano. Sendo assim, desde há alguns anos a morna tem sido objecto de um estudo metódico, sobre à origem, enquanto música, que tanto mexe com os cabo-verdianos, tanto no país como na diáspora. Representando como uma manifestação cultural das mais importantes para o reconhecimento e identificação das mutações psíquicas e sociais da sociedade e do povo cabo-verdiana.

O poeta Osório de Oliveira atribui a seguinte definição da Morna “ *é o nome que designa ao mesmo tempo a dança e as canções típicas de cabo verde. Ritmo de baile, palavras e músicas das canções são inseparáveis.*”²⁸. Mas, devido a escassez de fontes precisas, alguns investigadores tentaram dar uma explicação baseada num ou noutro documento acompanhada de uma imaginação racional e lógica. Por isso, a sua origem está a trazer algumas controvérsias.

Hoje, em certa medida, parece já haver um consenso que ela terá aparecido na ilha da Boavista, e depois propagando para as restantes ilhas do arquipélago, tomando a feição psíquica do povo de cada ilha, onde, no começo teve um andamento acelerado em que a letra era menos profunda, menos dramática e repercutia todos os factos quotidianos, “ *a história*

²⁸. Cf. TAVARES, Eugénio. Mornas antigas Crioulas. “ Posfácio alheio”. Pag. 97, 98.

cabo-verdiana que se processou com os diversos contactos entre povos, culturas, línguas, contacto além mar que iriam influenciar, e de maneira irreversível, o fenómeno desta pequena cultura atlântica.”²⁹ Esta teoria é, até certo ponto problemática, só tomou corpo em 1932, com a publicação de “Mornas antigas crioulas” de Eugénio Tavares, Onde pela primeira vez, ficou patente a origem cabo-verdiano da morna.

Segundo Tomé Varela, “mesmo que partíssemos desse pressuposto, que da ilha da Boavista se terá propagado para as restantes ilhas, deveremos evidenciar que na de Santiago tomou as feições psíquicas do santiaguense. Não poderemos afirmar que nesta ilha ela encontrou o húmus que permitisse o desenvolvimento em igualdade de circunstâncias com a da Brava e São Vicente, ilhas com uma forte tradição da Morna. Todavia, é mais do que evidente que cultivou-se, cantou-se e dançou-se morna nos variadíssimos cantos de Santiago.

Contudo, de uma forma geral, consideramos que a morna desenvolveu-se com a sua história, fazendo com que a representasse uma filosofia de grande prestígio na vivencial do povo que a criou.

2.1. A Filosofia da Morna.

“ *A Morna enquadra-se, portanto, num universo determinado pela contingência, pelas interrogações do destino.*”³⁰ Se compreendemos a história da morna podemos dizer que ela é a forma mais comum a registar entre os Cabo-verdianos, no domínio da música popular. Por isso, constitui um modo subversivo do filosofar da vida do povo Cabo-verdiano, por ser uma verdadeira crónica viva e expressiva da vida, como a companheira nas horas difíceis, exprimindo a alegria, a esperança, o amor, a saudade, a dor, o sofrimento, a revolta, e outros sentimentos e atitudes do Cabo-verdiano, bem como, os problemas existente com a própria natureza.

Nesta linhagem de pensamento, a morna constitui um subsistema cultural de representações simbólicas do modo de vida do povo que o criou, representação essa que se realiza através da

²⁹. Cf. MARTINS, Vasco. A música tradicional I(A morna). Pag 42.

³⁰ Cf. LOPES FILHO, João. A Introdução à Cultura Cabo-verdiana. Editor I.S.E. Praia 2003. Pag. 269.

música, do canto, da poesia, do gesto, e da coreografia, que se expressa em compasso quaternário e em queixumes e lamentações melancólicos, dolentes, soluçantes.

Referindo-se mais uma vez ao eminente filósofo Nietzsche, para estabelecer uma analogia entre a origem da Tragédia e a morna, com isso, analisamos que a morna assim como a Tragédia surgiu para medir o sofrimento e o grau da sensibilidade dos povos, que se viviam atormentado de sentimentos misteriosos, da esperança, da dor e do horror que caracteriza a história da humanidade. Por isso, a morna é considerada por muitos musicólogos, originante da “*exploração económico-escravocrata.*”³¹ Na medida em que, o que ultrapassa a escravatura é apenas o crucifixo de Jesus Cristo. Com isso, colocaremos uma questão fundamental, à qual responderemos ao longo deste subtítulo: - *Como deve o homem encarar o sofrimento, a crueldade, a dor e o horror que caracteriza a história da humanidade? É possível dar algum sentido a esta história? O sofrimento e o horror são inerentes à própria condição humana?*

Para respondermos às questões colocadas fizemos um recurso indispensável à obra de Nietzsche, obra já referida, em que, sob a forma da arte, a música é resultantes de duas forças impulsivos *Apolíneo e Dionisíaco* (Apolo e Dionísio), desempenhando uma função “*catalizadora de motivações vivenciais.*”³² Então, o homem encara o sofrimento, a crueldade, a dor e o horror e muito mais sentimentos, através da arte, na medida em que, a finalidade da arte é proporcionar uma espécie de consolo metafísico, a afirmação da vida perante a crueldade e o horror da existência humana.

Com a arte, a morna permite aos homens fazer uma reminiscência da própria tragédia ou realidade. Considera-se “*a ciência pela óptica do artistas e a arte pela óptica da vida,*”³³ no

³¹. Cf. MARTINS, Vasco. *A música tradicional I(A morna)*. Pag 28,a 31.

³². Cf. FREDERCK, Nietzsche. *O Nascimento da Tragédia a partir do espírito da música*. 8º Edição Lisboa - Guimarães Editores 1997. Pag 54, 55.

³³.Cf. IDEM, Pag 38. A arte é vista como um actividade essencialmente metafísica da vida humana. A arte perpetua o trágico e somente com ela o individuo ganha força e capacidade de enfrentar a dor e afirmando sim a vida.

sentido de que, a arte é o único fenómeno que é capaz de representar o trágico, uma vez que a representação mais fiel do trágico provém da arte.

Ora, seguindo esta esteira de pensamento, a morna constitui um modo de representação que se tem por forma e conteúdo o subjectivo, visto que como arte serve para comunicar a interioridade e permanece subjectiva na sua objectividade. Com efeito, a morna dirige-se a mais profunda interioridade subjectiva; pois, é a arte de que a alma se serve para agir sobre as outras almas, exprimindo o sentimento da vida exterior, os estados da alma, as paixões do coração, as situações, lutas e destinos da alma.

Neste sentido, a filosofia tem como excitar o sentimento profundo do homem, as situações vivenciais, as emoções reais, as imaginárias por meio de sons. Ela torna-se uma arte de expressão, cuja finalidade é configurar idealmente a natureza íntima invisível do homem. Por outra palavra, a morna é o eco que evoca coisas distantes, ou a tragédia da nossa raça. Por isso, constitui uma das formas mais culturais que representam os sentimentos, ou seja, a essência do homem na sua integridade. Reflecte o Cabo-verdianidade e sintoniza com todo o cabo-verdiano. Como exemplo, tomemos a morna voz dum povo, dum destino, de Fernando Quejas.³⁴

A morna – voz de um povo, dum destino

*Morna, musa ardente de mil cantares,
Parte sem medo da aventura,
Mostra ao mundo os teus autores,
E o fascínio da tua postura.*

³⁴ C f. QUEJAS, Fernando. Uma Vida de mornas. Edição do Autor. Lisboa. 1998. P.63.

*Nesse teu jeito bem tropical,
Com ardor e envolvente lirismo,
Canta Eugénio – esse genial,*

*com a tua tocante melodia,
mostra o sentir do teu País,
o encanto, a filantropia,
Apanágios da tua raiz!*

Canta B.Léza com brilhantismo.

*Exprime a doçura da “ morabéza”
Este sentir, puro africano,
Este sentir Cabo - verdiano,
Prenhe d’amor e singeleza.*

*Nascida do povo, és sua voz,
Ao mundo – também teu – fala de nós,
Do nosso jeito hospitaleiro,
Da nossa alma de corpo inteiro.*

(...)

Corroborando com Nietzsche, são por essas razões que a morna resulta desses dois espíritos. Portador de intenções, sensações, impulsos motores e imagem que emergem instantaneamente, representando às realidades simbólicas dos povos e da história da humanidade, os quais importa serem analisados e aprofundados.

O certo é que a maior parte dessas realidades simbólicas provoca, na maioria das pessoas, uma sensação que, no entanto, pode ser agradável ou desagradável. A morna pode invadir totalmente a nossa vida. Enfim, torna a nossa vida mais suave e menos penoso, conforme o estado de espírito. Purifica a nossa alma e estimula o nosso espírito. Aliás, a morna pode estar sempre presente nas ocasiões especiais da nossa vida: nas cerimónias fúnebres, nos matrimónios, nas festivais, enfim, desempenhando um papel de alegria, tristeza, nostalgia, adquirindo um significado diferente conforme for a variedade destes momentos.

Desta forma, consideremos ela como a arte que exprime a essência do homem na sua integridade abstracta e espiritual do sentimento. Por isso, se enquadra como a música do folclore.

2.2. A Morna Canção Popular Cabo-Verdiana.

“... *Há só uma terra que conhece a Morna e só um povo que conhece-lhe os versos – é Cabo Verde, e o Cabo-verdiano ...*”³⁵.

Todavia, como sabemos, na cultura Cabo-verdiana, sendo resultante de um encontro, de uma fusão de duas culturas, a morna é na sua dimensão humana, na sua essência, na sua formação, uma música simplesmente Cabo-verdiana. Na medida em que, a morna, em especial, nas suas letras e melodias, tenta fazer um retrato psicológico do ilhéu no seu eterno relacionamento com o ecossistema que a rodeia, com a contingência sempre eminente de ter que deixar o pedaço ilhéu onde se viu nascer e onde viu germinar o amor pela crotchêu e, sabendo ter que deixá-la.

Segundo refere Ricardo Wagner, “*a música é a arte suprema*”.³⁶ Pensamos que não andou muito longe da verdade porque, tanto na composição como na interpretação, há sempre qualquer *coisa* de individual, diríamos mesmo, de carnal-individual. Daí, o facto, talvez, de se afirmar que a música de qualquer povo é a alma e o espírito desse mesmo povo que assim, se exprime, se afirma e difere dos outros. A música da morna é por conseguinte, uma forma de identificação, mais positiva que existe nos sistemas sócio-culturais cabo-verdiano.

Ainda, seguindo a interpretação da obra “o Nascimento da tragédia no espírito da música” do Filósofo Nietzsche, a morna constitui uma perpétua vestígio da mistura do Apolíneo com o Dionisíaco, o qual imprime a sua marca na canção popular da mesma maneira que as impulsões orgiásticas de um povo eternamente se cristaliza na sua música. Estes dois espíritos juntos formam uma tragédia que, por sua vez, se combatem contra a melancolia da existência humana. Foi por esta razão, pensamos, que a morna, desde muito tempo, foi considerada a música folclore, que, por seu turno, é o repositório ancestral da sensibilidade da alma do povo Cabo-verdiano.

A sua característica é ser sempre misteriosa, ligada, em suas origens, a elementos funcionais, sublimados numa catarse lírica que fixa o folclore no tempo, fora das flutuações do

³⁵ Cf. XAVIER DA CRUZ, Francisco. Uma partícula da lira Cabo-verdiana (Mornas crioulas inspiradas por saudades, sofrimentos e amores). Pag. 11, 12.

³⁶ FREDERCK, Nietzsche. O Nascimento da Tragédia a partir do espírito da música. 8ª Edições. Lisboa - Guimarães Editores 1997. Pag 75, 76.

contingente. Na música cada povo se reconhece num eterno presente; através da morna o povo Cabo-verdiano se comunica e se confraterniza por aqueles remotos canais que tudo reportam a um raiz comum.

Esta compreensão abrange as duas categorias com que os folcloristas distinguem o folclore, principalmente entre nós: o folclore *stricto sensu*, aculturação das raças numa mesma terra, e o primitivismo, resto de raças e civilizações desarraigadas em processo de extinção. Consideramos ser “ *uma canção popular muito atormentada por agitações e arrebatamentos dionisiacas*”,³⁷ que devemos sempre considerar como causas latentes e condições prévias da canção popular.

Ora, a morna para os Cabo-verdianos constitui como um espelho musical do mundo, como a melodia primordial que anda à procura da imagem de sonho que lhe seja irmã para exprimir num poema. A melodia é, pois, o que há de primeiro e de mais geral, o que deixa representar em várias objectivações e exprimir em vários textos. Ela é também, para o sentimento ingénuo do povo, o elemento preponderante, essencial, necessário. Desta forma, a morna compara com todas as cenas da vida real uma significação alta, pelo facto, de haver uma íntima analogia entre a melodia e a aparência que lhe corresponde, tornando possível associar a música a uma poesia. Porém, há aqui uma abstracção da realidade. Como exemplo citaremos a poesia da morna *Câ no Dêxa nós Morna Môrrê*, de Fernando Quejas.³⁸

Câ no Dêxa nós Morna Môrrê

Morna ê di Nôs,

Câ no magual,

Câ no nêgal sê valor,

Êl ê alegria,

Di nós dia a dia,

No bem cantal,

co alma e fulgor!

Êl ê herança,

Di nós sol di esperança,

Câ no dêxâ nós morna esmorcê

nem perde prestígio qu'êl tem

di CABO VERDE, onde êl nascê,

ê fidjo q'rido, di tudo alfuêm!

Êl ê símbolo qui no crê mantê

um tradiçom, nós identidade,

co orgúdjo, co dignidade,

³⁷ Cf. IDEM. Pag 66, 67.

³⁸ Cf. QUEJAS, Fernando. Uma Vida de mornas. Edição do Autor. Lisboa. 1998. p.97.

No bem total,
Cantal co amor!

câ no dêxâ nãs morna môrrê!

Como podemos constatar, na poesia da música popular, vemos nós que a linguagem faz todos os esforços por imitar a música, de modo que há todo o processo de metamorfose da música em imagens ao estudo da alma popular. Porém, esta poesia da morna relata-nos a história de Cabo Verde que parece só poder ser narrada por aquilo que a terra é, constituindo os atributos e as acções que caracterizam a personagem Cabo Verde aos do seu povo. A morna aparece aqui como símbolo vontade, produzindo a partir de si um mundo de visões. A vontade é entendida como a forma mais universal da aparência e é constituída pelas sensações de prazer e desprazer, que acompanham a exteriorizações de um fundamento originário, as demais representações.

Esta poesia traduzida em morna, faz com que esta, torna-se simplesmente uma música Dionisíaca, atormentado de agitações, dor, sofrimentos misteriosos, isto porque, o Dionísio é, arte musical que trata a própria realidade em si, identifica-se com a embriaguez, porque o homem embriagado não foge do trágico, não foge da realidade em si.

Neste sentido, o sujeito poético que afirma a assumpção da sua terra com tudo aquilo que esta possui de bom e de mal, penetra-se no mais íntimo cerne da realidade, sente nascer dentro de si, sob a influencia mística da renuncia à individualidade e do estado de identificação, um mundo de imagem e de símbolos tão diferente do artista plástica Apolíneo ou épico. “*O músico Dionisíaco não é auxiliado por imagens, está compenetrado do sofrimento primordial desse mesmo sofrimento.*”³⁹ Com efeito, o músico dionisíaco, exprime simbolicamente o sofrimento primordial na figura alegórico do homem. Tomemos ainda um outro exemplo, da poesia da morna, “*Dez grãozinho de terra*” de Gabriel Mariano.⁴⁰

³⁹ Cf. FREDERCK, Nietzsche. O Nascimento da Tragédia a partir do espírito da música, 8ª Edições. Lisboa - Guimarães Editores 1997. Pag 62.

⁴⁰ Cf. RODRIDUES, Moacry, LOBO, Isabel. A morna na literatura tradicional ” fonte para o estudo histórico-literária e a sua percussão na sociedade.” Edição Instituto Cabo-verdianos dos livros e do disco. Praia 1996. Pag. 33.

Dez grãozinhos de terra.

Ês dez grãozinho de terra

Que Deus 'spaiá na mei de mar

El ê de nôs, câ t'mórrê na guerra

É CABO VERDE terra querida.

II

Tchorá Sôdade de bôs morenas

Quê l tâ leva na pensamento

Tchorá recordações eternas

De tempo que l ca tinha sofrimento.

Coro

Oh CABO VERDE terra 'stimada,

Terra de paz, terra de Gosto,

Tud'quem djôbê-bo pâ sê ragôge

El ca ta bai, el q're fica

E s'el mandado el ta tchorá.

.

Estes poemas provam, mais uma vez, que a morna é o produto destas ilhas atlânticas, como parte de um todo universal, terá aspecto desta ou daquela cultura que faz parte desse todo, retratando a alma desses povos que se encontram cheios de sentimentos. Com isso, podemos afirmar que a morna é uma música popular, visto que está estritamente ligada aos contextos sociais contingentes, alimentados pelas contribuições gestuais da dança.

Por isso, a morna, pela sua própria natureza, é perecível, existencial, com ambições de comunicar mensagens estéticas universalmente válida. Estas ambições, a música da morna as realiza sublimando liricamente o sentimento, através de estruturas formais meditadas e de articulações linguísticas de ilustre linhagem. Assim, é uma consolação metafísica dos homens, o que lhe torna como uma linguagem universal em alto grau que transportam todas as imagens ou símbolos daquele sentimento profundo invisível e inacessível às nossas representações, que eclodem na alma do povo que a criou.

2.3. A Morna e Vida Colectiva.

O que acabamos de dizer permite já vislumbrar que a morna pela sua serenidade é concebida como uma manifestação da arte. Deste modo, o poeta Cabo-verdiano, Osório de Oliveira,

afirma que *“nunca, com efeito, a alma dum povo encontrou, tão perfeitamente, a sua expressão numa manifestação da arte, que são produto de uma raça, de uma terra, de um clima, e das condições de vida de um povo.”*⁴¹ Na verdade, a morna desempenha um papel relevante na sociedade, e como tal, constitui uma fonte incomparável de prazer espiritual, principalmente para aqueles *“que podem ser dominados pela sua magia das suas curvas melódicas ou das suas combinações harmónicas”*⁴² Por isso, Ricardo Wagner, na obra de Nietzsche *“O Nascimento da tragédia a partir do espírito da música”*, já tinha afirmado que *“a música é a arte suprema que aproxima vencidos e vencedores.”*⁴³ Partindo deste pensamento, a morna, enquanto facto social, não é um fim em si mesma, mas é, essencialmente, representativa da vida colectiva que se sintoniza com a sociedade, daí a questão que se segue.

Qual a razão porque um povo que valoriza tanto a razão, a ordem e o controlo das paixões, teve necessidade de criar uma arte, como a morna, onde se expressa o sentimento misterioso e a saudade?

Na opinião do Dr. José Maria Semedo, o facto do Cabo-verdiano conheceu e sentiu as angústias e os horrores da existência durante a escravatura e no povoamento das ilhas e para lhe ser possível viver teve de gerar uma arte – a morna, de modo, desvanecer todas as lembranças do passado, ou seja todas as suas tragédias. Visto que só sob a forma da arte o homem se sente mais a vontade em revelar o seu sentimento misterioso, ou seja, só a arte pode-se representar as realidades.

A morna é uma arte que está intimamente ligada à sociedade, que lhe dá alento e a consome. Sociedade frívola, cansada e passiva que pretende, nas formas artísticas, o seu descanso e o seu ócio. Aliás, a arte surge e avança como um deus salvador que traz consigo o conforto Humano: só ela tem o poder de transformar o aborrecimento do que há de horrível e de absurda na existência, e transformar em imagens ideais que tornam agradável e possível a vida. Por isso, é o reviver da própria realidade. Faz com que a realidade se perpetua.

⁴¹ Cf. CABO VERDE: Boletim de Propaganda e Informação. Praia: Imprensa Nacional. Nº 30. Ano III (Março, 1952). P. 19.

⁴² Cf. AUGUSTO MONTEIRO, César. Manel d’ Novas: Música, Vida, Caboverdianidade. Edição Autor. S. Vicente. Dezembro 2003. P.31.

⁴³ Cf. Citação tirado do site: http://www.hypernietzsche.org/static/a_hart.mann_cavalcanti-1/1-1 – Comentário da obra *“O nascimento da tragédia a partir do espírito da música.”*

A música, sobretudo a morna na sociedade funcionam como meio de comunicação, cantado ou tocado, em grupo ou em público, pode reflectir do ponto de vista social, a imagem da alma do povo de cabo verde.

*“A morna Cabo-verdiana, como a belíssima obra de arte que é, nunca existe como acontecimento isolada, porque o próprio músico, enquanto membro da sociedade, à semelhança do escritor, por exemplo, é um criador, cuja obra está toda ela mergulhada no momento histórico que a origina e espelha, em todos os níveis, as impressões do seu físico e social.”*⁴⁴

Ainda partindo do mesmo percurso o músico, interprete e o compositor, Paulino Vieira, considera a morna em geral como *“a forma de animar o seu dia a dia, como o elemento da união. Para além disso, ela é a minha oração, é um escape para encontrar o meu refúgio, uma companheira, uma inspiração, uma enxada de trabalho (...), uma forma de dar as pessoas um pouco de tranquilidade.”*⁴⁵

Desta forma, deixamos uma preocupação. *“Como poderia este povo – O Cabo-verdiano, de emoções tão delicadas, mas de desejos tão impetuosos, suportar a dor de existência, a dor proveniente da exploração económico-escravocrata, se não tivesse criado uma arte e contemplar nela a sua imagem transfigurada”?*

2.4. A Morna, Expoente Máxima da Alma Cabo-Verdiana.

*“... Nasceu do povo que a criou, banhando-a com lágrimas das suas mortificações, resignações e sofrimentos, e também porque essas melodias não são outra coisa senão a exaltação ou queixumes eterno da alma cabo-verdiana, no que ela tem de mais comovente, de mais extravagante e de mais tumultuoso.”*⁴⁶

⁴⁴ Cf. Dito por Manel d'Novas, numa entrevista concebida na televisão de Cabo Verde (TCV), no programa Monumentos de Sítios.

⁴⁵ Cf. Citado por GERMANO LIMA, António. Na sua obra Boavista, ilha da morna e do Landú. Edição Instituto Superior de Educação. 1996. Pag 225.

⁴⁶ “A MORNA expressão da alma de um povo”, artigo inserido no CABO VERDE: Boletim de Propaganda e Informação. Praia: Imprensa Nacional. Nº 30. Ano III (Março, 1952). P. 20.

A morna sendo uma forma musical cultivada em todas as ilhas de cabo verde de andamento lento, em compasso quaternário simples, de uma forma e doutra, constitui, sem dúvida, a – expressão máxima da dor e do sofrimento do povo Cabo-verdiano: dor da carne da época da escravatura e sofrimento da partida ou da saudade do ente querido ausente com a emigração. Não é o produto da criação intencional ou científica mas, sim, produto de uma invenção prática, instintiva e popular, possuidora de um valor de utilidade prática, em que este valor procede do instinto intelectual da utilidade imediata, visto que o seu criador tinha uma necessidade urgente de um mecanismo de resposta e de resistência ao processo hediondo a que era submetido.

Eis uns dos elementos definidores da natureza profundamente lírica, às vezes alegre, nostálgica do homem Cabo-verdiano, que caracteriza o povo desta ilha. Aliás, “ *dá maior cobertura à vivência quotidiana do Cabo-verdiano.*”⁴⁷ Como exemplo, temos a morna *Eclipse*, e morna, já citada, *Câ no dêxa nôs morna morrê*, de Fernando Quejas, e muitos mais, na qual o autor exprime o sentimento íntimo do seu próprio estado de espírito, quiçá a sensibilidade de todos da época. A morna, caracteriza-se pela expressão da sensibilidade da alma desse povo. Como exemplo, frisemos a letra da morna de Dr. Fonseca:⁴⁸

Ês morna ê um lembrança,

Ê um emblema de amigo

(...)

Grandi valor qui nhor deus mandame

Pam bem leviano nós sofrimento

Ess valor e de entendimento

Genti di nha terra, nô pô fê na el

Nhos bem judá-m levantá'l sê nome

Alto, alto simá agua ta bai

Pa tudo genti bem conchel.

Coro

Esse morna é um grande valor

Ele sai dentro di nha coração

Nele ta ficâ consolação

⁴⁷ Cf. LOPES FILHO, João. *A Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Editor I.S.E. Praia 2003. Pag. 269.

⁴⁸ Cf. GERMANO LIMA, António. Na sua obra *Boavista, ilha da morna e do Landú*. Edição Instituto Superior de Educação. 1996. P 180.

O cabo-verdiano vive a morna, a expressão da sensibilidade da alma, uma vez que, através dela exprime a saudade do que deixa, do que não viveu, do que desejaria ter vivido, a alegria, a nostalgia, a esperança, o amor, a jocosidade, o apego a terra, os problemas existentes, bem como, a própria natureza e, ainda, de tudo o mais quanto nos estratos profundo do seu subconsciente se agita e desencadeia, em torrente lírico.

Parece-nos que todo o cabo-verdiano sente na morna uma sensibilidade pura que lhe é inerente, principalmente quando se encontra longe do arquipélago em que se depara com povos diferentes, com culturas e costumes opostos. O cabo-verdiano ao ouvir o som melódico da morna com um cantar crioulo das ilhas a que tanto se habituou, o profundo do seu subconsciente se agita principalmente quando é executada por bons tocadores e bons interpretes.

O poeta Manuel Ferreira diz que quanto, à designação da morna, como a expressão da sensibilidade da alma do povo Cabo-verdiano, quase todos os estudiosos estão unanimemente de acordo e transcreve algumas passagens destes. Começando por Julião Quintinha, um português que na sua apreciação considerou que a morna é “ingénua expressão musical deste arquipélago...”, de Augusto Casimiro um outro português, alega que a morna é “um pequeno poema em que o povo cabo-verdiano fixa um aspecto da sua vida...”, de José Osório de Oliveira “melodia (...) triste, sensual...”. Quanto ao poeta Eugénio Tavares, alega que é um “intérprete maravilhoso da alma desse povo ilhéu sonhador...”, de Jaime Figueiredo “expoente único da sensibilidade” e de Gabriel Mariano “A expressão da alma de um povo”⁴⁹.

Sendo assim, a morna, pela sua qualidade, pela sua delicadeza, pela sua inesgotável variedade dos seus motivos, é considerada a parte mais rica do nosso folclore.

⁴⁹ Cf. FERREIRA, Manuel. A Aventura Crioula. 2ª edição. Plátano Editora. Lisboa 1973. P.167.

2.5. A Nostalgia e a Saudade - Elemento Primordial da Morna.

Se o “*canto e dança*”⁵⁰ são ao mesmo tempo o resultado e a expressão do sentimento humano, “*a nostalgia e a saudade*”⁵¹ são, por sua vez, “*dois dos sentimentos que mais ligam a alma humana à sua terra-mãe, razão pela qual estão intimamente ligadas à separação do homem do local onde foi enterrado o seu umbigo.*”⁵²

Estes sentimentos foram dilacerantes entre os negros Africanos, por estes terem sido vítimas do mais hediondo crime da humanidade: desterro e trabalho forçado em terras longínquas e desconhecidas. Portanto, a morna aqui surge como Nietzsche sustenta como a música Dionisiaca – quebrando aquela alegria que suscitam em nós a felicidade liberatriz na aparência transfigurada, abrindo um novo caminho para as causas geradoras do ser, para o fundo mais secreto das coisas. Expressando na figura alegórica do homem.

De tal modo, ela constitui, antes de tudo, como uma das formas da exteriorização deste sentimento profundo da alma do povo Cabo-verdiano, um misto da nostalgia do ambiente físico - humano que ficou perdido lá longe no continente, e da saudade do ente querido que deixou a terra à procura de uma vida melhor em terras estranhas nos quatro cantos do mundo.

⁵⁰ Neste contexto, empregamos o termo canto, significando como uma união expressiva e musical da palavra e do som pela modulação da voz humana. Ao termo dança, significando para referir um conjunto de movimentos coreográficos encadeados (gestos, passos e movimentos corporais). Ambos constituem com um subsistema cultural de representação simbólica do modo da vida de um povo. Este subsistema cultural substancia-se por meio da música, poesia e coreografia, elementos esses, que por sua vez, se revelam como expressão de estados afectivos do povo que o criou, imprimindo-lhes significados sociais bem definidos.

⁵¹ . Neste contexto, empregamos o termo “nostalgia” significando a dor profunda de tristeza, isto é, o desespero de quem é obrigado a deixar a sua terra de origem e sabe que nunca mais para ela regressará; ao termo “saudade” atribuímos o significado de lembrança triste e suave de alguém que se encontra ausente e de quem se tem a esperança ou a certeza de um dia encontrar.

⁵². Cf. GERMANO LIMA, António. Boavista, ilha da morna e do Landú. Edição Instituto Superior de Educação. 1996. Pag 228.

Este faz com que morna apresentasse aquela parte dionisiaca da música, revelando os horrores, a tristeza mais profundo da alma do homem cabo-verdiano.

A morna surge neste contexto como a despertadora daquele sentimento fundamento originário das nossas sensações, que sob a forma do estado *Apolínea* se encontra oculto. O músico ao compor esta melodia traduz o conteúdo da música, aquele domínio conceptual e figurativamente insondável. Apresenta-se embriagado no estado dionisiaco, conseguindo, assim, revelar aquele sentimento mais profundo e turbulento que agita o coração do cabo-verdiano.

Ainda, sobre esse aspecto, Káká Barbosa afirma que “*os cabo-verdianos lá onde estivessem, mesmo na hora do maior sofrimento, sublimam a sua dor cantando e dançando, talvez como forma de súplicas e louvores aos seus destinos*”⁵³

Nota-se que os cabo-verdianos, tidos como raça sem alma, (preconceitos que os europeus faziam dos Africanos) são possuidores de uma filosofia profunda, sempre ligada à sua religião, à sua terra – mãe, cujas relações humanas ocupavam um lugar primordial e centralizador. São esses laços com a terra -mãe e a sua gente que motivaram no cabo-verdiano os sentimentos de nostalgia e da saudade. A morna aqui tem por função sublimar a dor, uma vez que, nela reside toda força de queixumes e lamentações com finalidade de suavizar estes sentimentos. Com exemplo, temos a morna nostálgico de Cesária Évora “*a sodade*” e a morna saudade “*Oi cabo Verde*” cantado por José Silva.

⁵³ Dito por Káká Barbosa numa entrevista concedida ao autor do trabalho, no dia 13 de Junho em Assomada.

CAPITULO – III

MORNA E COMUNICABILIDADE ESTÉTICA.

Neste capítulo iremos abordar, principalmente, aquele sentimento estético originário a partir da música da morna. Pois, tentaremos descobrir aquelas imagens nascente a partir da poesia da morna e comunicada através de um objecto estético criado pelo homem, uma intuição pura da beleza, sentida com emoção, elaborada pela fantasia criadora e comunicada através de códigos de símbolos organizados em linguagens definidas. Neste capítulo abordaremos também a comunicabilidade estética na morna, seguidamente a poesia na canção da morna, a representação poética e o seu despertar no seio da morna e finalmente a comunicabilidade estética na poesia da morna.

1.2. A Comunicabilidade Estética.

Pretendemos analisar quando é que um acto ou /objectos nos transmitem uma mensagem estética. Primeiramente, digamos, quando ele é uma arte. Pois, só uma obra de arte pode exprimir em nós determinados sentimentos e emoções estéticas. Ora, sentimentos e emoções estéticas que existiram desde sempre no seu criador deram origem a tais obras.

Neste caso, como já dizia Marcuse, a formação estética é o resultado da transformação de um dado conteúdo (facto actual ou histórico, pessoal ou social), todo independente: um poema, peça, romance, etc. A obra assume, assim, um significado e a realidade assume uma verdade própria. A transformação estética é conseguida através de uma remodelação da linguagem, da percepção e da compreensão de modo a revelar a essência da realidade na sua aparência.

A estética coloca a arte no seu mais alto grau do espírito, como actividade prática. O que permite fazer uma contemplação consciente da obra de arte, a integração com o processo criativo e com seus objectivos, o processamento interior dos dados que permite a formulação de um juízo crítico. Note-se que todas estas operações do espírito são orientadas e potenciadas pela cultura; mas podem também independente dela, desenrolando-se por canais de identificação intuitiva. Nisto como dizia, o Maestro e professor, Sérgio Magnani “*o ser humano guia-se pelos pólos vitais da sensibilidade, que conduzem o nosso existir – ou encontra-se no clima daquelas emoções colectivas, repositórios de memórias ancestrais ou imperativos sociais, em que se expressa a íntima estrutura de cada grupo étnico.*”⁵⁴

A emoção estética e o sentimento geradora da arte ou a que esta nos transmite são tanto mais fundo, mais universal quanto mais artista for o homem, seu criador, seu intérprete ou espectador. Cada arte nos deve comover pelos seus meios directos de expressão e por eles nos arrebatam ao Infinito.

Com efeito, em toda a manifestação estética, ou a experiência estética, o que permanece válido e constante, é o imperativo estético do espírito, a necessidade de contemplar as emoções e sublimá-las ao nível de comunicação, expressada em belas formas e imagens,

⁵⁴ Cf. MAGNANI, Sérgio. Expressão e Comunicação na Linguagem da música. Belo horizonte. Editora UFMG 1989. p. 15.

reflexos daquela beleza ideal que aprofunda em nosso espírito raízes não menos tenazes do que a verdade ideal.

Por outro lado, toda a manifestação estética é sempre precedida de um movimento de ideias gerais, de um impulso filosófico nobre e, ao mesmo tempo, delicada, de modo a invadir, por assim dizer, todos os componentes da personalidade e todas as actividades do espírito. Como frisaremos, o objectivo de um bem orientada pela reflexão estética é, justamente, o de levar a razão a potenciar a emoção estética.

A música é a arte da actividade criativa, que deduz as infra-estruturas de uma intuição pura, através do trabalho da fantasia criadora que o fruidor e intérprete possuem no processo criativo, de modo a, alcançar a totalidade da imagem estética da obra.

3.2. Poesia na Canção da Morna.

A poesia desde sempre se encontra inseparável da musica. Aliás, desde antiguidade a música e poesia viveram uma condição de simbiose, onde os Líricos e os Trágicos gregos compunham as músicas para as suas próprias canções poéticas. O mesmo acontece com o nosso caso. Ora, a poesia, aqui, é uma obra que só se dirige ao espírito da pessoa que lhe escuta com corpo e alma.

A poesia é, pois, com diziam, Michel Malherbe e Philippe Gaudin, *“arte que tudo pode dizer, descrever os temas, utilizar todos os recursos da linguagem, exprimir todos os sentimentos”*⁵⁵

Podemos dizer que assim como a arte consegue dizer tudo aquilo que o discurso não pode, a poesia é a arte de dizer com palavras aquilo que as próprias palavras não conseguem dizer. A poesia rivaliza, verdadeiramente, com a filosofia e pode ter a precisão que lhe é dada pelo *“verbo”*⁵⁶ e possuir, além disso, o impulso, aquilo a que se chama o lirismo.

⁵⁵ Cf. MALHERBE, Michel. GAUDIN, Philippe. As Filosofias da Humanidades. Editions Bartillat. 1999. p. 112.

⁵⁶ A poesia deriva do verbo «poien» significando «fazer». Ainda, segundo a etimologia grega, a poesia é o estado das coisas no início, quando tudo está por fazer.

Na música da morna, a poesia apresenta-se como o estudo da tragédia, é a mais filosófica e revela as essências profundas das coisas, todas as sensações humanas, seus esforços, seu interior. Esta queixa, este grito de alegria ou de dor, prevêm da palavra organizada que aprendeu, pouco e pouco, a descrever a alma do povo cabo-verdiano e o País. Analógica

Sem dúvida, “*a poesia constitui, a epopeia da linguagem, o nascimento, a formação da linguagem.*”⁵⁷ De acordo com esta citação, frisaremos que, na poesia da morna, como já foi dito, a linguagem faz todos os esforços para imitar a música. Melhor dizendo, a poesia não nos afasta da linguagem, mas, pelo contrário, revela-nos a sua essência. Ora, ela dá nome as coisas em nosso redor, baptiza o mundo, e faz vibrar no ar a emoção que mantinha na alma ou espírito cercada.

“*A Poesia Cabo-Verdiana, como qualquer outra, só poderá ser compreendida, em relação ao ambiente material e humano vivido pelo Poeta*”⁵⁸. Tem as suas raízes, mergulhadas nas condições socio-econômicas em que é criada. Por isso, se diz, que ela, “*abre os olhos, descobre-se a si própria, - e é o romper duma nova aurora.*”⁵⁹ Pois, na opinião dos nossos poetas e historiadores é a claridade que surge, dando forma às coisas reais, ou seja, revelando essa profunda modificação na poesia, apontando o mar, as rochas escavadas, o povo a debater-se nas crises, a luta do cabo-verdiano, enfim, a terra e o povo de Cabo Verde.

Porém, os poetas, agora, são homens-comuns que caminham de mãos dadas com o povo, e de pés vincados na terra. Cabo Verde não é o sonhado jardim hesperitano, mas, sim, o Arquipélago e o Ambiente, onde as árvores morrem de sede, os homens de fome - e a esperança nunca morre. O mar já não tem sereias e as ondas não beijam a praia. O mar é a estrada da libertação e da saudade, e o margulhar das vagas é a tentação constante, a lembrança permanente do desespero de querer partir e de ter de ficar. Até o caminho qualquer, amassado pelo gado que a seca matou, tem vida, assim como os coqueiros esguios e o céu azul e ardente que não promete chuva.

A voz do Poeta, agora, é a voz da própria terra, do próprio povo, da própria realidade cabo-verdiana. Uma vez que o poeta é o grande conhecedor da alma humana, recitando poemas que

⁵⁷ Cf. IDEM, P.112.

⁵⁸ Cf. CABO VERDE: Boletim de Propaganda e Informação. Praia: Imprensa Nacional. Nº 30. Ano III (Março, 1952). P.55.

⁵⁹ IDEM, P.55,56.

acalma as almas sofridas. E, o cabo-verdiano, de olhos bem abertos, compreenderá o seu próprio sonho, descobrirá a sua própria voz, na mensagem dos Poetas. Porém, de um modo e de outra, é isto, a tarefa da poesia no canto da morna Cabo-verdiano.

3.3. A Comunicabilidade Estética na Poesia da Morna.

De acordo com aquilo que vimos da comunicabilidade estética, digamos que o canto da morna é um acto estético pelo facto de exprimir em nós aqueles sentimentos e emoções, como já dizia Nietzsche, (na sua obra *O Nascimento da tragédia a partir do espírito da música*), existente desde sempre no seu criador como imagem, ou elemento figurativo daquele sentimento originário repositório da memória ancestral da sensibilidade do povo cabo-verdiano, como forma mais universal da aparência, com suas escalas de prazer e desprazer.

A morna nos seus aspectos estéticos-formais, mais do que qualquer outro género musical cabo-verdiano é, eminentemente, típica canção nacional, e constitui expressão e resumo de vanguarda do quotidiano crioulo das ilhas de Cabo verde. As emoções suscitadas pela poesia, letras ou música da morna, nas suas cambiantes, são tão determinantes que podemos dizer, um Cabo-verdiano que ainda não tenha experimentado a «perturbação emocional» suscitada pela morna, não é ainda medularmente Cabo-verdiano.⁶⁰

Por estas razões Gordon Graham argumenta que “*a poesia constitui uma linguagem do sentimento*”⁶¹. Melhor dizendo, assim como a morna, a poesia possui uma linguagem (emotiva, expressiva, significativa, alegre, sombria e melancólica...).

Neste caso, a finalidade da linguagem poética, na canção da morna, como podemos notar, é expressar os nossos sentimentos e pensamentos por meio das palavras e proporcionar-nos agrados e prazeres, despertar emoções tristes ou alegres, serve ainda, para o nosso deleite e entretenimento, nos comove e traz-nos recordações.

A poesia da morna, todas elas, se encontra sob a lei da forma estética, onde a realidade existente é necessariamente sublimada ou exaltada, de modo a exprimir as emoções estéticas

⁶⁰ Cf. LOPES FILHO, João. *A Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Editor I.S.E. Praia 2003. Pag. 269.

⁶¹ Cf. GRAHAM, Gordon. *A filosofia das artes, introdução à estética*. Edição 70. Lisboa, Portugal. 1997. P.28.

da psique crioula. A sentimentalidade, a dor, a energia, a *morabéza*, as alegrias e tristezas de um povo sacrificado não só pelas condições climáticas que determinam uma economia débil de tipo agro-pecuária, castigada por longas seca, como também pelo abandono de que foi vítima.

Tudo isto encontramos reunido na melopeia das ilhas, no cantinho mais íntimo da alma do povo destas ilhas, como dizia Nietzsche, “*como símbolo daquele fundamento conceptual e figurativamente insondável, indecifrável, indivisível e inacessível a nossa representação, e ao mesmo tempo como uma força que produz a partir de si um mundo de visões.*”⁶²

É sobre esta forma, que se encontra a comunicabilidade estética na música da morna. Aliás, consiste em decifrar ou em interpretar o significado que pode estar oculto por detrás de uma série de significantes fundamentais. No caso da morna, em decifrar o significado oculto na poesia da música. Segundo, o Maestro e professor, Sérgio Magnani:

*“ Assim como, o adivinho reconhecem, nas configurações das pedrinhas, das borras de café ou das cartas do baralho, os sinais do destino marcando os eventos futuros. Actividade, portanto, de intuição e de técnica, baseada no reconhecimento dos símbolos e dos caminhos misteriosos da sua criação, a fim de se chegar à tradução dos símbolos em eventos ou fenómenos, em nosso caso sonoros.”*⁶³

Por exemplo, tomemos os poemas da morna Sodade, de Félix Monteiro e a Partida, de B.Léza.

Partida.

Hora ... hora di bai
É hora di sentimento
Hora di bai é triste
É hora di sofrimento

Sôdade

Sôdade ê cheio d'espinho
El ta picá na alma
Ca tem nenhum carinho
Que tâ levía 'l sê dor
(...)

Partida ê dor ma tristeza
Quem invental câ têmba amor!

Sôdade ê um corrente
Que tâ prendê nós alma

⁶² Cf. Citação tirada na Internet: site: <http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3?Coddoc=1132>.

⁶³ Cf. MAGNANI, Sérgio. Expressão e Comunicação na Linguagem da música. Belo horizonte. Editora UFMG 1989. P.59.

Partida ê dor na nôs peto Quem desprendê'l contente
Di quem qui nô dixâ co dor Nunca mais ta tem calma.
(...)

O poeta enfatiza aqui um sentimento que se encontra determinado pela representação. E, como dizia Nietzsche, os sentimentos podem simbolizar a música, mas, aquele que se encontra como vontade, enquanto forma mais universal da aparência com as suas escalas de prazer e desprazer. Estes poemas, submetendo-lhes a uma apreciação conscientemente estética, suscitam uma enorme carga de emoção ou sentimentos. Sobretudo, elas nascem, entretanto, de um estado poético contemplativo, descarregado de afectos.

Neste estado liberto de vontade (afectos), a actividade poética pode constituir-se como meio de expressão simbólico da experiência musical. Por isso, segundo Nietzsche, “ *o efeito da música sobre os afectos, oferece-nos apenas um antegosto da música, no estado poético contemplativo, as imagens nascem da música como símbolo daquele sentimento fundamento invisível e inacessível a nossas representações* ”⁶⁴

Os poemas constituem um poderoso veículo de expressão emocional, provoca nos ouvintes diferentes sensações: de melancolia, de tristeza, de ódio e até mesmo faz-nos verter lágrimas. Sendo assim, podemos dizer que existe uma comunicação estética na morna, mas, só decifrarmos se fizemos uma apreciação estética consciente sobre o seu conteúdo, de modo, a despertar aqueles sentimentos misteriosos, os quais se encontra ocultado.

Neste caso, ao intérprete resta, como ponto de apoio apenas, a cultura, a sensibilidade e a tradição. Cultura significa preparo filológico e conhecimento estilístico. Sensibilidade significa capacidade de integrar a sua própria personalidade de intérprete à personalidade do autor e da obra, com amor e respeito, visto que, a sua tarefa não é de viver as emoções, mas a de colocar em funcionamento os canais capazes de transmitir ao receptor os sentimentos, e as emoções estéticas.

Sendo assim, o prazer estético deverá provir da mensagem musical, que posteriormente são traduzidas em puras emoções, isto é, em sugestões de sentimentos suscitadas pelo poder do

⁶⁴ Citação tirado na Internet: site: <http://a.filosofia.no.sapo.pt/referencias.htm>

som em si e pelas suas articulações sintácticas. O receptor apenas deve escutar-lhes com coração, porque é a melhor maneira da apreendemos o sentido de uma mensagem quando ela é dita. Seguindo a rigor, conseguimos decifrar as mensagens estéticas de uma canção da morna. Pensamos que, assim sendo, nos transmite informações à nossa vida do mundo, dos nossos destinos, como lembrança, grito de dor (...), trazendo todo o sentimento estético.

4. CONCLUSÃO.

A conclusão que tiramos deste trabalho é que a arte, enquanto comunicação através de um objecto estético criado pelo homem, é uma intuição pura da beleza, sentida com emoção, elaborada pela fantasia criadora e comunicada através de um código de símbolos organizados em linguagens definidas. Disto resultará o acto estético, enquanto actividade do receptor ou fruidor, como uma vivência sensível da mensagem estética através da reorganização indutiva daquele código de símbolos que dela é portador.

A música, especificamente os sons musicais, isto é, sons ordenados de maneira sistemática e cadenciada, pode estimular e desencadear diversos sentimentos. Portanto, os elementos estéticos podem especialmente suggestionar, emocionalmente o receptor. Podemos dizer a partir dessa ideia que as músicas, especificamente, a morna canção popular dos Cabo-verdianos são uma arte que sob a forma da lei da estética despertam em nós diferentes tipos de emoções. O que consequentemente concluímos que de entre as artes, é a única forma ou exemplar que podem reproduzir essa mensagem tão ambígua, exprimir o que se encontra no mais profundo da alma de um povo.

Como fizemos notar, ela tem como filosofia suavizar a dor nostálgica, o sentimento profundo do homem, as situações vivenciais, as emoções reais, as imaginárias. Com isso, ela torna-se uma arte de expressão, cuja finalidade é configurar idealmente a natureza íntima invisível do homem. Portanto, a morna expressão simbólica da sensibilidade da alma de um povo teorizada por vários musicólogos e poetas, desembocaria, conforme fizemos referência num simbolismo, em semente que estabelece os laços de união da vida na sociedade Cabo-verdiana. Esse simbolismo se encontra principalmente nas poesias que é o conteúdo da morna. Isto é, os poetas são homens-comuns que caminham de mãos dadas com o povo, e de pés vinculados na terra, recitando poemas de carácter Apolínea e Dionisíaca traduzidas em música acalma as almas.

Nota-se, ainda, que a morna e a poesia constituem, ao mesmo tempo, a expressão da faculdade dionisíaca de um povo e são inseparáveis. Ambas emanam de uma esfera da arte que está para além da apolínea; ambas se desvanecem a imagem horrível do mundo e não só;

ambas brincam com o agulhão do desgosto, uma vez que a poesia, é uma obra que se dirige ao espírito da pessoa que lhe escuta com corpo e alma.

Com isso, concluiremos que a morna é a expressão máxima da sensibilidade desse povo, uma vez que através dela o Cabo-verdiano exprime todo tipo de sentimento, a saudade, a alegria, a nostalgia, a esperança, o amor, a jocosidade (...). Portanto, sente-se uma sensibilidade pura que lhe é inerente, principalmente quando se encontra longe do arquipélago em que se depara com povos diferentes, com culturas e costumes opostos.

5-Referências Bibliográfias.

- AUGUSTO MONTEIRO, César. Manel d' Novas: Música, Vida, Cabo-verdianidade. Edição Autor. S. Vicente. Dezembro 2003
- A MORNA expressão da alma de um povo, artigo inserido no CABO VERDE: Boletim de Propaganda e Informação. Praia: Imprensa Nacional. Nº 30. Ano III (Março, 1952).
- A Música e o Homem/ Rafael de Conceição e (...) Edição Instituto Nacional do Livro e do Disco. Maputo.
- BAYER, Ramond. História da estética. Editorial estampa. Lisboa. 1993.
- FERREIRA, Manuel. A Aventura Crioula. 2ª Edição. Plátano Editora. Lisboa 1973.
- FEDERICO, Nietzsche. A Origem da Tragédia. 8ª Edições. Lisboa - Guimarães Editores 1997.
- GRAHAM, Gordon. A filosofia das artes, introdução à estética. Edição 70. Lisboa, Portugal. 1997.
- HEGEL.G.W. Estética a ideia e o ideal. Lisboa - Guimarães editores, 1993
- HERBERT, Marcuse. A Dimensão Estética (Arte e Comunicação), edições 70 (Verlag, Munique, 1977).
- HOUSEN, Abigail. BARROS, Elisa, e outros. Educação Estética e Artística. Fundação Calouste Gulbenkian 2003.
- LOPES FILHO, João. A Introdução à Cultura Cabo-verdiana. Editor I.S.E. Praia 2003.
- MARIA, Julian. História da Filosofia. Edição Sousa e Almada Limitada. 13ª Edição. 1989.
- MAGNANI, Sérgio. A expressão e Comunicação na Linguagem da Música. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1989.
- MALHERBE, Michel. GAUDIN, Philippe. As Filosofias da Humanidades. Editions Bartillat. 1999.
- MARTINS, Vasco. A música tradicional I(A Morna). Edição Instituto Cabo-verdianos dos livros e do disco. Praia 1996.
- QUEJAS, Fernando. Uma Vida de mornas. Edição do Autor. Lisboa. 1998.
- RAYMOND, Gourt. Le Musical, Essay Sur Les Fondements Anthropologiques de l'art, editions Flinchsielk, Paris 1976

- RODRIGUES, Moacyr, LOBO, Isabel. A morna na literatura tradicional ” fonte para o estudo histórico-literária e a sua percussão na sociedade.” Edição Instituto Cabo-verdianos dos livros e do disco. Praia 1996.
 - TAVARES, Eugénio. Mornas cantigas Crioulas. “ Posfácio alheio
 - ZIMMERMAN E. Michael. Confronto de Heidegger com a Modernidade. Tecnologia/ política/ Arte. Colecção: Pensamento e filosofia. Tradução de João Sousa Ramos. Instituto Piaget. 1990
-

CITOGRAFIAS.

- <http://a.filosofia.no.sapo.pt/referencias.htm>.
- [http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3? Cod doc=1132](http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3?Cod_doc=1132).
- [http:// www. Letras. Ufmg. Br/ lourenço/ livros/ índice. html #2](http://www.Letras.Ufmg.Br/lourenço/livros/index.html#2).
- [http://a.filosofia.no.sapo.pt/históriaestética. Htm](http://a.filosofia.no.sapo.pt/históriaestética.Htm)

ANEXOS.

- 1- Questionário aos músicos;**
- 2- Questionário aos apreciadores da mornas.**

1- QUESTIONÁRIO AOS MUSICOS.

No âmbito da conclusão do meu curso, etapa de Licenciatura em ensino de filosofia e, no cumprimento ao regulamento da referida Instituto, pretendo realizar uma pesquisa sobre a Morna expressão simbólica da sensibilidade da alma do povo cabo-verdiano.

Por isso, desejaria de saber qual é a tua e/ ou sua opinião à respeito do assunto. Agradeço – te que respondas com toda a sinceridade.

Inicia o preenchimento deste questionário, indicando:

1. Nome: _____, 2. Idade: _____,
3. Sexo: _____ 4. Residência: _____. 5. Categoria. _____.

1-O que é a Morna?

2- Consideras a morna tipicamente Cabo-verdiana. Porquê?

3- Qual é a filosofia /utilidade da morna?

4- O que traduz a morna para o povo Cabo-verdiano?

6-Porque se considera a morna, expressão simbólica dos povos Cabo-verdiano?

7- Que sensação sente ao ouvir uma morna. Porquê?

8- Poderá haver a estética na Morna?

9- Como são vista a morna na sociedade?

10- Quais são os efeitos da morna Cabo-verdiana?

11- Que significado tem a morna hoje, comparando com o seu surgimento?

12- Porquê a morna a expressão da sensibilidade do povo Cabo-verdiano?

13- Qual é a outra opinião que tens acerca da morna?

.

2- QUESTIONÁRIO AOS APRECIADORES DA MORNAS.

No âmbito da conclusão do meu curso, etapa de Licenciatura em ensino de filosofia e, no cumprimento ao regulamento da referida Instituto, pretendo realizar uma pesquisa sobre a **Morna expressão simbólica da sensibilidade da alma do povo cabo-verdiana.**

Por isso, desejaria de saber qual é a tua e/ ou sua opinião à respeito do assunto. Agradeço – te que respondas com toda a sinceridade.

Inicia o preenchimento deste questionário, indicando:

1. Nome: _____, 2. Idade: _____,
3. Sexo: _____ 4. Residência: _____. 5. Categoria _____

Assinala a sua resposta, colocando uma cruz no quadro correspondente.

1-Gostas de ouvir uma morna?

- a) Sim _____ b) Não _____

Porquê?

2-Na tua opinião o que entendes por morna?

3. Consideras a morna tipicamente Cabo-verdiana?

- Sim _____ Não _____

Porquê?

4- Que sensação sente ao ouvir uma morna.

- a) Agrado _____ b) Alegria _____ c) Desagrado _____ d) outras _____

Porquê?

5. Poderá ser a morna a identidade do povo destas ilhas?

Sim ____ Não ____

Porque?

6. Qual é o conteúdo musical da morna?

7- Na tua opinião como são vistas as mornas na sociedade?

Valorizada ____ desvalorizada ____

Porquê?

8-Consideras a Nostalgia e a Saudade o elemento primordial da morna?

Sim ____ Não ____

Porquê?

9-Poderá haver a estética na Morna?

Sim ____ Não ____

Demonstra?

10-Qual é a outra opinião que tens acerca da morna?

Fim

